

# Aborto: discursos filosóficos

Ivanaldo Santos

Idéia

João Pessoa

2008

Todos os direitos e responsabilidades reservados.

©2008 by Ivanado Santos

Editoração Eletrônica/Capa: Magno Nicolau

---

S237a Santos, Ivanaldo.

Aborto: discursos filosóficos / Ivanaldo Santos. - João

Pessoa: Idéia, 2008.

89 p.

1. *Educação - filosofia*

CDU: 34

---

EDITORA LTDA.

(83) 3222-5986

www.ideiaeditora.com.br

ideiaeditora@uol.com.br

Foi feito o depósito legal

Impresso no Brasil

“Lamentavelmente vivemos num tempo em que algumas pessoas não valorizam todas as formas humanas de vida. Elas querem selecionar e escolher quais indivíduos têm valor. Não podemos diminuir o valor de uma categoria de vida humana – os não-nascidos – sem diminuir o valor de toda a vida humana. Notei que todos os que defendem o aborto já nasceram”.

(Ronald Wilson Reagan, ex-presidente dos EUA).

## Sumário

Apresentação.....	4
Introdução.....	6
Por que querem legalizar o aborto? .....	8
Políticas públicas para o feto.....	14
O cajueiro de Pirangi e a defesa da vida.....	16
Aborto, eugenia e neonazismo .....	18
A mídia e a discriminação sofrida pelo movimento pró-vida .....	21
Gramsci, lavagem cerebral e o aborto.....	24
O aborto e o darwinismo.....	32

As redes de solidariedade à vida humana.....	34
O aborto e a desobediência civil.....	36
O aborto e a 13ª Conferência Nacional de Saúde.....	41
O aborto e o crescimento do Islã.....	48
Tomás de Aquino e o aborto.....	52
Herodes, a matança dos inocentes e o aborto .....	54
A teologia da libertação e o aborto.....	58
A Igreja Católica e o aborto.....	75
Declaração de Aparecida em defesa da vida.....	83

## **Apresentação**

O ilustre filósofo Ivanaldo Santos pediu-me para apresentar seu livro *Aborto: discursos filosóficos*, o que muito me honra.

Pensador católico e profundo conhecedor da problemática do aborto, o autor não apenas se baseia na doutrina da igreja sobre a defesa da vida humana, como também analisa o que está por trás da campanha para legalização do aborto.

Alguns de seus artigos foram publicados na página na internet da Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família (PROVIDAFAMÍLIA) como contribuição à nossa luta em defesa da vida humana, desde a concepção. Na presente obra o autor não só publica esses artigos como discorre sobre outros assuntos relacionados ao tema. Demonstra, com fatos, a posição da Teoria da Libertação favorável ao aborto, como mostra o interesse de organizações internacionais pela legalização do aborto. Com base na eugenia e nas preocupações policiais, organizações internacionais promovem um rígido controle populacional em que o aborto é o principal instrumento conforme expõe o autor.

Um dos grandes objetivos desses grupos é a destruição da família. O saudoso cientista, prof. Jérôme Lejeune, geneticista e descobridor da síndrome de down (mongolismo) contou que numa reunião em Paris uma senhora se levantou e disse: “queremos destruir a família e para isso devemos começar pelo seu membro mais vulnerável: a criança por nascer, por isso somos favorável ao aborto”. Além de matar a vida em seu nascedouro esses grupos querem destruir a família, base da sociedade.

Fundamentado em ampla bibliografia o autor trata desses assuntos e leva os leitores a compreender as campanhas para a legalização do aborto.

A leitura desse livro será útil, não somente aos que defendem a vida humana,

como a todos os que se interessam em conhecer os artifícios usados pelos que desejam implantar, entre nós, a “cultura da morte”. Com o uso de eufemismos e de meias-verdades, os promotores do aborto procuram aplacar suas consciências e enganar o público para conseguir seu objetivo.

Eu sempre afirmo que a melhor luta em defesa da vida está baseada em três premissas: 1º informar, 2º informar e 3º continuar informando.

Este livro de Ivanaldo Santos tem esse grande mérito: informar. Todos os argumentos dos antivida são baseados em meias-verdades e na mentira e uma vez informadas as pessoas têm como desmascarar esses argumentos falaciosos.

Parabéns, Ivanaldo, por essa grande contribuição à causa da vida!

*Humberto L. Vieira*

Presidente da PROVIDAFAMÍLIA

## Introdução

Atualmente, o mundo vive um triste paradoxo. De um lado, fala-se em democracia e em liberdade. Do outro lado, tem-se a implantação das mais variadas formas de autoritarismo e negação da liberdade. Uma das formas mais bizarras de manifestação desse paradoxo é a tentativa de impor ao mundo o aborto. A prática do aborto é uma forma severa e radical de eliminar a liberdade de um ser humano. A questão é simples: só é possível pensar em democracia, em liberdade e em todos os desdobramentos sócio-culturais oriundos de ambos se o indivíduo tiver nascido. Sem o nascimento toda e qualquer outra ação referente a vida humana é simplesmente impossível.

Apesar disso atualmente fundações multibilionárias como, por exemplo, Rockefeller, Ford, MacArthur, Carnegie, Bill & Mellinda Gates e a Federação Internacional de Planejamento Familiar (IPPF por sua sigla em inglês -International Planned Parenthood Federation) planejam impor o aborto ao mundo até o ano de 2025. É preciso observar que a grande maioria da população do planeta, inclusive do Brasil, é totalmente contrária ao aborto. Se vivêssemos realmente numa sociedade democrática e livre o projeto de impor o aborto ao mundo, patrocinado por essas fundações multibilionárias, não seria posto em prática ou se quer seria cogitado. Entretanto, o que vemos no mundo é uma brutal propaganda veiculada pelos diversos segmentos da mídia e diversas ações postas em prática pelo

Estado visando transformar o aborto em uma prática cotidiana dentro da vida das pessoas. O atual livro não é uma explicação definitiva sobre o paradoxo que envolve a sociedade contemporânea e, por conseguinte, a tentativa de impor o aborto ao mundo. Ele é resultado de uma série de pequenos artigos que inicialmente foram publicados no site da Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família (<http://providafamilia.org/site/index.php>). Posteriormente foram publicados em diversos jornais e em sites de várias associações do Brasil e de outros países. Ele é uma pequena, porém séria discussão sobre este tema. Encontram-se nele diversas perspectivas diferentes e, ao mesmo tempo, esclarecedoras sobre o aborto. Essas perspectivas vão desde os fatores econômicos que condenam a

prática do aborto até uma possível relação entre darwinismo essa prática. É por isso que o título do livro é *Aborto: discursos filosóficos*, ou seja, são perspectivas filosóficas diferentes sobre esse tema. Perspectivas que vão da ética, passando pela econômica e a biologia até chegar as questões teológicas.

Além dos artigos publicados no referido site, a única inovação contida no livro é a publicação da *Declaração de Aparecida*, um importante manifesto em defesa da vida e da dignidade humana, especialmente da dignidade da vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe. Essa declaração encontra-se no último capítulo do livro.

A repercussão positiva que a publicação desses artigos no site da Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família (<http://providafamilia.org/site/index.php>) demonstra que a sociedade civil está mais preocupada e mais bem informada sobre este tema do que a mídia tem divulgado nos últimos anos. Ao longo do primeiro semestre de 2008, período em que os artigos foram publicados, recebi uma grande quantidade de e-mails de pessoas que compõem as mais variadas classes e grupos sociais. Alguns desses e-mails criticavam os artigos e apresentavam algumas objeções. Obviamente, que dentro do verdadeiro espírito filosófico as objeções são bem vindas, pois elas são a base do aperfeiçoamento de qualquer discussão, inclusive sobre o aborto.

Todavia, a grande maioria dos e-mails recebidos – inclusive de pessoas com título de doutorado – afirmavam que estes artigos contribuíram, de forma direta ou indireta, para uma maior tomada de consciência sobre a gravidade e todas as questões ético-filosóficas que envolvem o aborto.

Os artigos podem ser lidos separadamente, mas em seu conjunto o livro é um pequeno, mas sério manual ético-filosófico que aborda a questão do aborto como sendo uma ideologia que é produzida e, ao mesmo tempo, está inserida dentro das preocupações e desafios do homem moderno.

Por fim, gostaria de agradecer a direção da Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família que gentilmente publicou em seu site (<http://providafamilia.org/site/index.php>) os artigos que compõem este livro, ao Sr. Humberto L. Vieira, membro da Pontifícia Academia para a Vida, por ter escrito a Apresentação do mesmo, as diversas pessoas que me enviaram e-mails realizando comentários construtivos sobre a temática do aborto, aos militantes do movimento pró-vida que não desistem de defender a vida das diversas ameaças, inclusive a grande ameaça do aborto, e, por último, a Virgem Maria que teve todos os motivos para abortar, mas que, graças ao seu sim a vida, a humanidade pôde vir nascer o Salvador – Jesus Cristo – e, por conseguinte, ver a derrota definitiva da morte e do pecado.

## Por que querem legalizar o aborto?

Atualmente, vêm-se no Brasil e no mundo uma nova onda de manifestações, projetos e outras formas de clamor social reivindicando a legalização do aborto. Um dos argumentos centrais dessa nova onda pró-aborto é que a defesa da vida nascedoura, ou seja, do feto ainda no ventre da mãe, é uma questão de moral e especialmente de moral religiosa. E como a sociedade e o Estado moderno são leigos e seculares, ou seja, não possuem vinculação religiosa, então essa defesa perde quase totalmente o seu poder moral.

O raciocínio do movimento pró-aborto é o seguinte: numa sociedade secular, onde o ser humano não é regido por normas religiosas, o indivíduo poder fazer o que quiser, inclusive matar o(a) próprio(a) filho(a) ainda no ventre da mãe. Aparentemente este raciocínio faz sentido. A moral de fundamento religioso estaria atrapalhando o desenvolvimento do Estado e da sociedade secular. Entretanto, é preciso refazer uma pergunta que já foi realizada diversas vezes, sendo ela: por que querem legalizar o aborto? É preciso realizar esta pergunta por três razões. Primeira, estudos recentes demonstram que a maioria da população mundial é contra o aborto. Segunda, uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, publicada com exclusividade no jornal *Folha de São Paulo* de 07 de outubro de 2007, constatou que nos últimos anos aumentou de 61% para 71% o número dos brasileiros que acham que a prática do aborto é “muito grave” e que hoje apenas 3% dos brasileiros pensam que o aborto é moralmente aceitável.

Terceira e última razão, de 14 a 18 de novembro de 2007, realizou-se em Brasília, capital do Brasil, a 13ª Conferência Nacional de Saúde, reunindo 4.500 pessoas. Dentre elas, tinham direito a voto 2.275 delegados estaduais e nacionais eleitos em conferências de saúde regionais - 50% deles são usuários do SUS, 25% trabalhadores do sistema e 25% gestores (secretários estaduais e municipais e representantes do Ministério da Saúde). Contrariando as expectativas do próprio Ministério da Saúde brasileiro e dos diversos grupos pró-aborto existentes no país, o resultado foi surpreendente: 70% dos delegados votaram contra a proposta de legalização do aborto no Brasil (POR AMPLÍSSIMA MAIORIA, 2007). Isto é, a maioria absoluta dos representantes do povo dentro do setor saúde é contra a legalização do aborto. Apesar da conferência de saúde ser uma questão nacional e não internacional, ela é um pequeno exemplo de como a opinião pública mundial percebe esse problema.

Oficialmente, a sociedade moderna é democrática. Se os princípios democráticos realmente fossem prevalecer à discussão sobre o aborto estaria concluída, pois a maioria democrática do mundo e também do Brasil é contrária a essa discussão.

O problema é que o movimento pró-aborto procura desqualificar essa maioria democrática. Para este movimento a maioria da população mundial, incluindo a população brasileira, ainda está presa a moral religiosa, especialmente a moral cristã que defende a vida em todos os casos. Segundo a ideologia desde

movimento fora da moral religiosa não há qualquer argumento contrário ao aborto. E que à medida que a população mundial passar por um processo de secularização da fé religiosa e de adesão ao ateísmo, à aceitação do aborto será automática.

De acordo com essa ideologia, fora da moral religiosa não há um único argumento que possa condenar o aborto. Todavia, será que essa ideologia está correta? Fora da moral religiosa não há argumentos contrários ao aborto?

Para esclarecer essa questão é preciso desenvolver quatro argumentos.

O primeiro é o desenvolvimento econômico. Desde o final da segunda guerra mundial, em 1945, o mundo passa por um processo de crescimento econômico. Este processo foi acelerado a partir da década de 1990. Países pobres como a China (VIEIRA, 2006), que antes amargavam graves índices de pobreza, passaram a ser o motor da nova economia mundial. Até Angola, país pobre da África, que amargou décadas de ditadura socialista-marxista e uma brutal guerra civil, hoje passa por um surto de crescimento econômico. Este país deve crescer economicamente em 2007 aproximadamente 15%. Um recorde para qualquer economia. Fundamentado por Harberler (1976), afirma-se que este crescimento econômico traz em seu seio a necessidade do aumento da população. Pois, com um número maior de bens e serviços sendo produzidos pela sociedade, passa a haver uma necessidade maior de consumidores. Logo, a ideologia pró-aborto não tem fundamento, pois se as mulheres abortarem seus filhos haverá uma redução do consumo e, por conseguinte, uma crise econômica mundial.

Já imaginou países pobres como, por exemplo, China e Angola terem seu crescimento econômico e, por conseguinte, a melhoria dos índices sociais prejudicados pela prática do aborto? Do ponto de vista estritamente econômico o aborto é prejudicial à sociedade.

O segundo argumento é a arrecadação de impostos. Todos sabem que na sociedade moderna o Estado é a organização social responsável em manter a estrutura social (escola, segurança, previdência, lazer e outras) necessária à vida dos indivíduos. Ele realiza e mantém esta organização por meio da arrecadação de impostos. Sem entrar na discussão se o Estado moderno arrecada mais impostos do que deveria, é preciso perceber que essa arrecadação é diretamente proporcional ao número de habitantes de um país. Quando menor a população, menor será a arrecadação de impostos.

Fundamentado em autores como, por exemplo, Lula (2007) e Harberler (1976), afirmasse que se as mulheres abortarem, então haverá uma diminuição na arrecadação de impostos e, por conseguinte, o Estado moderno terá sérias dificuldades para gerenciar a sociedade.

Já imaginou o aumento da criminalidade, da pobreza e outras mazelas sociais porque o Estado não consegue arrecadar impostos devido ao aborto? Do ponto de vista da arrecadação de impostos pelo Estado, o aborto é prejudicial à sociedade.

O terceiro argumento é a democracia. Não é intenção desse ensaio discutir a chamada *crise da democracia*. Apenas enfatiza-se que a democracia é o grande paradigma político da sociedade moderna. Fundamentado em autores como, por exemplo, Lipson (1966) e Miguel (2001), afirma-se que para a democracia existir é preciso que haja uma massa de eleitores. Os partidos e as demais agremiações políticas estão sempre em busca da maioria de votos, ou seja, de eleitores, que lhes garantam a vitória nas diversas eleições realizadas. O problema é que se as mulheres abortarem o número de eleitores cairá drasticamente e a própria democracia, enquanto paradigma político, estará em perigo.

Já imaginou a democracia que é defendida por diversos segmentos sociais, inclusive pelo movimento pró-aborto, entrando numa séria crise e até correndo risco de desaparecer devido à sucessiva prática do aborto? Do ponto de vista da democracia, aborto é prejudicial à sociedade.

O quarto e último argumento é a era da TV e da mídia. Não é intenção desse ensaio discutir os desdobramentos morais dessa era. Apenas enfatiza-se que a sociedade atual é marcada pela constante presença dos meios de comunicação na vida das pessoas.

Fundamentado em teóricos como, por exemplo, Abrecrombre (1996) e Bogart (1972), afirma-se que um dos objetivos principais da TV e dos demais seguimentos de mídia (jornais, revistas e outros) é a obtenção de constantes e crescentes índices de audiência. É por meio do crescimento da audiência que os seguimentos da mídia podem negociar patrocínios, pagar os impostos e funcionários e auferir lucro. Sem audiência não existe a mídia. O problema é que se as mulheres abortarem o número de espectadores dos diversos programas midiáticos cairá drasticamente e, por conseguinte, a média de audiência também. Com um índice menor de audiência os segmentos da mídia não poderão negociar melhores patrocínios e, com isso, haverá uma diminuição dos investimentos nesta área. A consequência é que haverá uma paralisia econômica, desemprego e outros problemas sociais.

Já imaginou uma crise no setor midiático ocasionada pelo aborto? Uma crise que gere desemprego e outros problemas sociais? Do ponto de vista da mídia, o aborto é prejudicial à sociedade.

Então, se existem argumentos não religiosos que contrariam a ideologia do aborto,

porque esses argumentos não são difundidos? Por que este movimento ainda encontra amplo apoio na mídia e em setores da classe média? Por que continuar tentando legalizar o aborto?

Respondem-se estas perguntas de forma objetiva por meio de duas questões: uma ideológica e outra econômica.

A questão ideológica é o avanço nos meios midiáticos e da classe média da cultura secular ou neopagã. A ideologia neopagã afirma que grande parte ou todos

os problemas do Ocidente são causados pelo cristianismo, por suas convicções morais e todas as ações sociais decorrentes dessas convicções.

O grande teórico da ideologia neopagã é o filósofo alemão Fridrich Nietzsche. Para ele, o cristianismo foi a pior criação do ser humano e está criação conduziu-o a um estado de opressão e medo. Alicerçada pelas idéias de Nietzsche, a ideologia neopagã pretende destruir o cristianismo e toda a cultura que emane dele. Como o cristianismo é uma religião que defende a vida em todas as situações, principalmente a vida em perigo como, por exemplo, a vida do bebê no ventre da mãe, a ideologia neopagã ataca a vida com a contraproposta do aborto.

É preciso lembrar que o aborto é uma prática do velho paganismo grego-romano. Na sociedade grego-romana quando uma criança nascia com alguma deficiência era imediatamente assassinada. Esta prática foi abolida com o advento do cristianismo e da moral da caridade e do perdão pregada por Jesus Cristo. Entretanto, o neopaganismo pretende restabelecer esta prática.

O movimento pró-aborto não passa de um subproduto da ideologia neopagã. Por trás da aparente defesa da liberdade e dos direitos humanos, esconde-se um dos atos mais antidemocráticos já perpetrados pelo ser humano. Grande parte da sociedade ocidental é cristã e, como já foi demonstrado por várias pesquisas, à maioria da população não apenas do Ocidente, mas mundial é contra o aborto. O que o movimento pró-aborto pretende, alicerçado pela ideologia neopagã, é de forma antidemocrática, autoritária, ignorar os valores religiosos da população e instaurar uma ditadura ideológica, onde as mulheres que não praticarem o aborto serão discriminadas e poderão até sofrer sanções penais.

A segunda questão é a problemática econômica. No atual modelo social o ser humano é, cada vez mais, incentivado e impulsionado a trabalhar para consumir.

Baudrillard (2007) enfatiza o alto grau de escravidão que o ser humano está submetido, principalmente a escravidão do consumismo. Na sociedade contemporânea existe um constante apelo, na grande maioria realizado pelos aparelhos midiáticos (TVs, jornais, rádios e outros), para que as pessoas sejam magras, bonitas, tenham o corpo perfeito, troquem de carro, de casa e até de cônjuge. Tudo para realimentar a indústria e o consumo. Dworkin (2007) afirma que atualmente o ser humano é submetido a uma "felicidade artificial", onde as exigências do consumo é que determinam o estado de felicidade. André (2007) demonstra como no atual modelo social o consumo, e as exigências decorrentes dele, constroem a identidade do ser humano. As pessoas são o que consomem.

A consequência desse processo é que ter filhos(as) se transformou em uma maldição. Ao invés da gravidez e, por conseguinte, do nascimento de um bebê, ser visto como a manifestação natural da vida, a continuidade da família e da espécie humana e um fator de grande alegria para um casal, é visto de forma contrária. Ou seja, vê-se o nascimento de uma nova vida como um prejuízo: a mulher vai engordar e não terá mais o corpo perfeito exigido pelas atuais normas



sociais, o casal terá que gastar dinheiro com a criação do novo ser humano e não poderá investir num carro novo, jóias, roupas e qualquer outra futilidade imposta pela sociedade. Este fato é o que Gauthier (1998) classifica de “sociedade do egoísmo”, isto é, quando o ser humano abandona a dimensão da humanidade, da caridade e vive em função de seus instintos e convicções pessoais. Esse abandono pode chegar ao extremo de se rejeitar o próprio filho.

Além disso, o novo ser humano, o bebê, exige muito tempo por parte dos pais. Eles terão que levar o bebê ao médico, para passear, para a escola e todas as demais atividades que são atribuídas aos pais. A decorrência disso é que os pais não terão tempo para se dedicar às outras atividades que a sociedade neopagã e do consumo considera essencial como, por exemplo, fazer turismo, ir para bares e boates, ir para as academias de ginástica e fazer cirurgias plásticas.

Por tudo o que foi exposto, conclui-se que assim como não há argumentos religiosos para fundamentar o aborto, também fora desses argumentos, ou seja, numa possível moral extra-religiosa, não é possível fundamentar ou explicar a proposta da legalização do aborto. Por trás dessa proposta o que realmente existe é a ideologia neopagã e o egoísmo do homem moderno que abdica de ter filhos para poder desfrutar de uma vida, muitas vezes, fútil e presa a um consumo alienante.

### Referências

- ABRECROMBIE, Nicholas. **Television and society**. Polity Press: Cambridge, 1996.
- ANDRÉ, Maristela Guimarães. **Consumo e identidade**. São Paulo: FGV, 2007.
- AUMENTOU O NÚMERO DE PESSOAS QUE ACHAM O ABORTO MUITO GRAVE. IN: **Folha de São Paulo**, 07 de outubro de 2007.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BOGART, L. **The age of television**. New York: Frederick Unger, 1972.
- DWORKIN, Ronald W. **Felicidade artificial**. São Paulo: Planeta, 2007.
- GAUTHIER, David. **Egoísmo, moralidad y sociedad**. Madri: Paidós, 1998.
- HARBERLER, G. **Crescimento econômico e estabilidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.
- LIPSON, Leslie. **A civilização democrática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966.
- LULA, Edla. Crescimento econômico explica arrecadação recorde em outubro, diz coordenador da receita. Disponível em [www.agenciabrasil.gov.br](http://www.agenciabrasil.gov.br). Acessado em 24/11/2007.
- POR AMPLÍSSIMA MAIORIA: REJEITADA A PROPOSTA DE DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO. Disponível em <http://blogdafamiliacatolica.blogspot.com/>. Acessado em 08/12/2007.
- VIEIRA, Flávio Vilela. China: crescimento econômico de longo prazo. IN: **Revista de**

**Economia Política**, vol. 26, n 23, São Paulo, jul/set 2006.

## **Políticas públicas para o feto**

No ano de 2008 a Campanha da Fraternidade (CF-2008) promovida pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) procurará debater sobre o feto e todos os demais temas que envolvem a algum tipo de violação da vida humana.

Mesmo as pessoas que não possuem alguma forma de crença religiosa concordarão que a vida humana é o bem mais precioso que o ser humano possui. Todos os demais bens produzidos pelo homem (riquezas materiais, bens artísticos e culturais e outros) dependem da existência da vida humana.

No tocante ao feto, ou seja, ao bebê ainda no ventre da mãe, a ciência provocou uma verdadeira revolução. Esta revolução é o gigantesco conjunto de técnicas e equipamentos que permitem aos cientistas, médicos e demais profissionais da saúde ver o bebê no ventre da mãe e, por conseguinte, realizarem algum procedimento cirúrgico para correção de algum problema congênito ou alguma doença.

Sendo assim, fetos passaram a ser operados, bebês prematuros sobreviveram e tornaram-se mais saudáveis. Devido a este avanço da ciência, atualmente imagens tridimensionais obtidas por ultras-som dos bebês no útero passaram a decorar os refrigeradores das famílias, as salas de espera das clínicas médicas e diversos estabelecimentos comerciais. Num mundo cheio de notícias ruins (guerras, fome, crise econômica, catástrofes ambientais, etc.), a ciência traz ao ser humano uma notícia muito boa, ou seja, que o feto, a imagem mais bela que uma mulher pode ver, por mais que esteja envolto em problemas e doenças pode ser salvo e, por conseguinte, a mulher pode ter um(a) filho(a).

Além dos avanços científicos há outro tipo de avanço que é preciso apresentar. É o avanço nas políticas públicas para diversos grupos humanos diferentes que ficaram conhecidos pelo rótulo de “minorias”. Atualmente, há políticas públicas para quase todas as minorias: negros, mulheres, ciganos, índios, moradores de rua, sem terra, sem teto, portadores de deficiência física e até para a população de circo. Só não há políticas públicas para um grupo humano, ou seja, para o feto. Numa sociedade que, do ponto de vista ético, clama tanto por inclusão social e por ações concretas do Estado, o feto é o grande excluído.

A sociedade contemporânea se preocupa em expandir a inclusão social na comunidade humana. Os que eram antes excluídos, tais como mulheres e minorias, atualmente são iguais. Por que, então, não acolher o feto, que, afinal, somos nós seres humanos, na própria comunidade humana?

O atual modelo de sociedade vive um grande paradoxo: de um lado deseja incluir todos os grupos na grande comunidade humana e, de outro lado, não

reconhece o feto, a base de qualquer comunidade humana, como membro dessa mesma comunidade.

É tempo desse paradoxo ser enfrentado, ou seja, é tempo do Estado, dos políticos e, acima de tudo, de todos os cidadãos lutarem e construírem políticas públicas para o feto. Afinal, sem o feto não é possível se pensar em comunidade ou sociedade humana e muito menos em inclusão social. O feto é à base de qualquer projeto de inclusão social.

## **O cajueiro de Pirangi e a defesa da vida**

Nos últimos meses tem havido no Rio Grande do Norte um intenso debate em torno do cajueiro de Pirangi. Trata-se da famosa árvore que dá como frutos o caju.

Como é conhecido o cajueiro de Pirangi, é uma árvore única no mundo. Esta árvore possui uma anomalia genética que a faz crescer sem parar. Daí este cajueiro ser o maior do mundo e, por conseguinte, uma das grandes atrações turísticas do Estado.

Além disso, este debate já está extrapolando os limites do Estado e alcançando a mídia nacional e até internacional. Para o Estado é ótimo que uma das suas principais atrações turísticas esteja na grade mídia nacional e internacional. O problema é que devido à urbanização da praia de Pirangi e da especulação imobiliária o cajueiro não tem espaço para crescer. Ambientalistas, líderes comunitários, empresários e autoridades públicas estão lutando para que esse problema seja, em curto prazo, amenizado e resolvido a longo prazo. Já estão surgindo soluções para o problema como, por exemplo, a compra das casas e prédios comerciais pelo Estado em torno do cajueiro, o desvio do trânsito por uma estrada paralela que será construída ou a construção de um túnel para escoar o fluxo do trânsito por baixo do cajueiro. Seja como for todas as soluções denotam tempo e o gasto de milhões de reais (moeda nacional) ou dólares pelo Estado e pela iniciativa privada para resolver o problema.

Ninguém é contra se gastar tanto dinheiro para resolver este problema. Até porque

o cajueiro de Pirangi é um símbolo do Rio Grande do Norte e em torno dele fervilham vários negócios e empreendimentos comerciais. A questão que se deseja levantar é que se é preciso gastar tanto dinheiro com um único pé de caju, por que então não se gasta soma idêntica ou até maior com a vida humana?

Atualmente, muitos defendem o aborto como uma solução fácil e rápida para resolver os problemas humanos. Ter filhos virou sinal de ter problemas pessoais e prejuízo financeiro. É interessante que a mesma sociedade que não se importa de gastar milhões e de fazer toda uma reengenharia para salvar um único

pé de caju, não tem o mesmo interesse e diligência para salvar a vida humana, inclusive a vida mais frágil, ou seja, a vida ainda no ventre da mãe.

Ninguém é contra ou está criticando o projeto de aumentar a área de crescimento e, por conseguinte, salvar o famoso cajueiro de Pirangi. Apenas está se alertando para um fato muito mais grave, ou seja, a vida humana. Se preocupar em defender a vida nascedoura deve ser uma preocupação dos ambientalistas, dos líderes comunitários, dos empresários, dos funcionários públicos e de todas as pessoas. Salvar o cajueiro de Pirangi é ótimo, não abortar e salvar a vida de milhões de fetos inocentes é melhor ainda.

## **Aborto, eugenia e neonazismo**

Inicialmente, é preciso esclarecer que o termo “eugenia” foi cunhado pelo geneticista Francis Galton (1822-1911). Galton usou o termo “eugenia” para expressar a possibilidade de aprimoramento da raça humana por meio de cruzamentos genéticos premeditados. Já Ludwig Gumplowicz (1838-1909), sociólogo austríaco, notabilizou-se por seu livro *La lutte des races* (A luta das raças). Neste livro, influenciado pelas idéias de Charles Darwin e Francis Galton, Gumplowicz apresenta uma teoria sobre a evolução e o aperfeiçoamento da sociedade. Para ele, os povos geneticamente mais aperfeiçoados devem dominar e governar os demais povos. Por essa teoria, a sociedade evolui por meio da luta das raças em contraposição a teoria da luta de classes formulada por Karl Marx.

A teoria eugênica proposta por Galton e Gumplowicz influenciou o nazismo a criar e implantar sua política autoritária de seleção das raças superiores e eliminação das inferiores.

Realizado este esclarecimento inicial é preciso observar que a sociedade contemporânea é marcada por um forte sentido democrático. Há todo um discurso de inclusão e participação social. Aparentemente, qualquer manifestação de autoritarismo, por qualquer grupo social, é rechaçada. Inclusive há na mídia e dentro das políticas e ações administradas pelo Estado uma forte repulsão a tudo que simbolizou o nazismo.

Os grupos que são oficialmente neonazistas sofrem perseguição da mídia, da polícia e de todo o aparato repressivo da sociedade.

Entretanto, é preciso realizar uma séria objeção: Se a sociedade realmente é democrática e o autoritarismo nazista e neonazista são repudiados, por que, então, se deseja legalizar o aborto? Numa sociedade verdadeiramente livre e democrática o feto deveria ter o direito de nascer, pois só assim ele poderia emitir qualquer opinião livre sobre qualquer assunto. Um feto morto, ou seja, abortado, não possui opinião livre e nem muito menos participa da sociedade democrática.

O problema é que a sociedade contemporânea vive um grande paradoxo. De um lado, fala-se em democracia, mas por toda parte reina o autoritarismo. É o autoritarismo da mídia, da indústria, da ciência, do cinema, do Estado e outras formas variadas. Do outro lado, aparentemente nega-se a eugenia e o neonazismo, mas tenta-se e, muitas vezes, se consegue impor um padrão de ser humano por meio da mídia, da indústria, da moda, do comércio, do Estado e de outras formas variadas.

Este padrão de ser humano é representado pelo estereótipo do indivíduo magro, geralmente branco e louro, adepto de todas as formas de modismos e futilidades que são produzidos pela sociedade e, acima de tudo, possuidor de quantia financeira suficiente para se incorporar à sociedade do consumo. A atual sociedade possui um modelo padrão de ser humano e está tentando impor este modelo aos indivíduos. Está tentando construir um ser humano "ideal". Este processo é uma forma de eugenia.

A questão é que a maioria das pessoas não se enquadra neste modelo de sociedade "ideal", neste modelo de ser humano que atualmente é imposto aos indivíduos. Uma simples caminhada por qualquer rua do país ou do mundo verá que a maioria das pessoas não possuem o padrão de beleza, perfeição física e alto padrão de consumo exigido atualmente. O que fazer com essas pessoas? O que fazer com os feios, gordos, pobres e outros grupos humanos que não se enquadram no modelo de ser humano ideal?

Para dar solução a esta resposta entra em cena a política neonazista. Esta política se dá em duas frentes principais.

A primeira é o sumário esquecimento. Os indivíduos classificados como indesejáveis, ou seja, as pessoas que não se enquadram no modelo de indivíduo ideal são sumariamente esquecidas. Elas não são convidadas para participar de festas, não participam de programas de TVs, não participam de campanhas publicitárias e nem são convidadas para posarem nuas nas revistas e demais publicações eróticas, enfim sua vida social se resume ao isolamento familiar e aos poucos amigos que possui.

A segunda é o aborto. Não se pode matar as pessoas que já estão vivas e crescidas.

A sociedade, por mais que seja autoritária, ainda possui um forte senso de valorização dos indivíduos adultos. Até porque é justamente os indivíduos adultos que são os vorazes consumidores do universo de futilidades que é posto a disposição das pessoas diariamente.

Sendo assim, resta o recurso ao aborto. O raciocínio é simples: é preciso matar, ainda no ventre da mãe, os indesejáveis, isto é, todas as pessoas que não se enquadram no modelo de indivíduo ideal criado pela sociedade atual. Esta eliminação torna-se eficiente porque é financeiramente barata e bastante lucrativa, não atrapalha a vida dos desejáveis, ou seja, das pessoas que se enquadram no modelo de indivíduo ideal, é tecnicamente rápida e eficiente. Esta forma de matar

os indesejáveis se enquadra perfeitamente no modelo de sociedade eugênica desenvolvido por Ludwig Gumpowicz e posto em prática pelo nazismo.

Obviamente, que oficialmente a sociedade continua sendo antinazista e antitotalitária.

Até porque se a própria sociedade se assumisse como nazista e autoritária o plano de eliminar, de matar, os indesejáveis poderá fracassar. Eles poderiam contestar, se rebelarem e até destruírem o sonho de uma sociedade formada por indivíduos “ideais”, “perfeitos”. Portanto, o aborto é uma forma de implementação da eugenia e da sociedade do tipo neonazista. Rejeitar o aborto é também rejeitar este modelo de sociedade.

## **A mídia e a discriminação sofrida pelo movimento pró-Vida**

Uma das máximas da sociedade contemporânea e a questão dos movimentos

sociais. Não é intenção desse pequeno artigo discutir o conceito e a finalidade desses movimentos. Entretanto, é bom deixar claro que atualmente a sociedade oficialmente incentiva que os movimentos sociais defendam suas reivindicações e que elas sejam apresentadas e debatidas pelo grande público. Além disso, cobra-se constantemente do Estado que desenvolva políticas e ações concretas para atender as reivindicações desses movimentos.

No mundo e no Brasil há um forte movimento social que conta com amplo apoio da população. Trata-se do movimento em defesa da vida, principalmente da vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe. Justamente a forma de vida que não pode se defender de qualquer ataque a sua integridade física e mental.

No Brasil o movimento em defesa da vida conta com uma grade rede de pastorais e ONGs (Organizações Não Governamentais). Entre as organizações que compõem esta rede citam-se: Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família, Pró-Vida de Anápolis, Movimento Brasil Sem Aborto, Campanha Nascer é um Direito, Direito de Nascer, Cidadãos Pela Vida e outras.

Além disso, uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, publicada com exclusividade no jornal *Folha de São Paulo* de 07 de outubro de 2007, constatou que nos últimos anos aumentou de 61% para 71% o número dos brasileiros que acham que a prática do aborto é “muito grave” e que hoje apenas 3% dos brasileiros pensam que o aborto é moralmente aceitável. Na prática apenas 97% dos brasileiros são, direta ou indiretamente, contra a prática do aborto.

Na última semana, no período de 06 a 10 de fevereiro de 2008, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) lançou a Campanha da Fraternidade (CF-2008), cuja proposta é debater sobre os riscos que a vida humana esta correndo no atual modelo de sociedade, principalmente a vida mais frágil, ou seja, a vida do bebê ainda no ventre da mãe. Houve em todo país debates, palestras, cerimônias e muitos protestos contra as tentativas de legalização do aborto. Neste período, o país fervilhou de manifestações a favor da vida. Foram diversos tipos de manifestações, desde grandes concentrações humanas em praças e igrejas até manifestações isoladas em pequenas cidades do interior.

Apesar de todas essas manifestações a grande mídia nacional e também internacional não divulgou as reivindicações do movimento social pró-vida. A grande mídia simplesmente ignorou o movimento pró-vida. Esta não é a primeira vez que isto acontece. No ano passado, no dia 15 de agosto de 2007, uma marcha nacional realizada pelo movimento pró-vida encheu Brasília, a capital federal, de manifestantes e militantes pró-vida. O problema é que não saiu uma única nota na grande mídia. Se um extraterrestre chegasse a terra e visse a programação das TVs e dos demais veículos de comunicação pensaria que no Brasil não existe nenhum movimento que defenda a vida humana e principalmente a vida mais frágil.

Como se pode ver há um claro boicote da grande mídia para as reivindicações do movimento pró-vida. Além disso, a mesma mídia que boicota o pró-vida dá grande abertura ao movimento que defende a morte, especialmente o movimento pró-aborto.

No ano passado, em 07 de setembro de 2007, uma manifestação pró-aborto no centro da cidade de São Paulo reuniu um pequeno grupo de 30 ativistas pró-morte. O número exato desses ativistas é 30. O interessante é que a grande mídia mostrou intensamente esta manifestação. Saiu reportagens em todos os jornais, telejornais e revistas de grande circulação no país. Entretanto, a marcha pró-vida, em 15 de agosto de 2007, reuniu mais de 100 mil pessoas e não houve reportagem alguma. No período de 06 a 10 de fevereiro de 2008 houve uma série de manifestações em todo o país e, mais uma vez, não houve reportagem alguma.

Diante do boicote que a grande mídia faz ao movimento pró-vida questiona-se o direito que os movimentos sociais possuem de defenderem suas reivindicações e das mesmas serem apresentadas e debatidas pelo grande público. A sociedade está repleta de movimentos sociais (negros, mulheres, gays e outros). Todos possuem alta visibilidade na grande mídia e, ainda por cima, cobra-se constantemente do Estado que desenvolva políticas e ações concretas para atender as reivindicações desses movimentos.

Entretanto, com o movimento pró-vida é diferente. Este movimento é claramente discriminado pela grande mídia. Os membros e ativistas desse movimento são classificados de “ultrapassados”, “conservadores”, “retrógrados” e outros adjetivos semelhantes. Diante da clara discriminação sofrida pelo pró-vida fica patente que a grande mídia não é democrática. Ela defende os interesses dos

movimentos sociais que lhe agradam. Os movimentos que, de alguma forma, conseguem agradar a grande mídia, conseguem visibilidade. Como o movimento pró-vida é composto, em sua essência, pelo povo termina sendo esquecido e abandonado pelos veículos de comunicação.

Apesar da clara e oficial discriminação sofrida pelo movimento pró-vida seus militantes e ativistas não devem desistir da luta. A derrota do movimento pró-vida representará a derrota definitiva do gênero humano. Atualmente, discute-se muito sobre as ameaças a vida. Essa discussão perpassa temas como, por exemplo, a poluição, a crise ambiental e a ameaça atômica. Entretanto, pouco ou quase nada se discute sobre o perigo que representa o aborto para o presente e o futuro da humanidade. É tarefa do movimento pró-vida realizar essa discussão, mesmo que ela não aparece na grande mídia. É preciso denunciar o caráter desumano do movimento pró-morte, especialmente daqueles que lutam para destruir o feto, justamente a parte mais frágil da humanidade.

## **Gramsci, lavagem cerebral e o aborto**

O filósofo marxista Antonio Gramsci (1891-1937) foi uma das referências essenciais do pensamento da esquerda no século XX e um dos fundadores do Partido Comunista Italiano. Entre suas obras de maior relevância encontra-se *Maquiavel, a política e o Estado moderno*, um clássico do pensamento da esquerda no século XX.

Em 1926 ele foi preso acusado de participar de atos subversivos contra o governo fascista. implantado na Itália, sua terra natal, e só foi libertado oito anos depois em 1934. Durante o período em que esteve preso Gramsci, como é mais conhecido, escreveu mais de 30 cadernos de história e análise sócio-cultural. Estes cadernos ficaram conhecidos como *Cadernos do Cárcere* e *Cartas do Cárcere*.

Nos *Cadernos do Cárcere*, uma obra monumental que foi editada em seis volumes, Gramsci descreve como foi sua dura vida nas prisões do regime fascista na Itália. Entretanto, estes *Cadernos* tornaram-se famosos por outro motivo. O fato é que neles Gramsci desenvolve técnicas para que a esquerda pudesse conquistar o poder. Ele não abandona as tradicionais táticas de terrorismo empregadas pela esquerda, tais como: seqüestro de empresários, assassinato de políticos e altos funcionários públicos e destruição do patrimônio público. Entretanto, ele introduz uma nova e sofisticada técnica para conquistar o poder. Essa técnica é a lavagem cerebral.

Segundo ele, ao invés da esquerda lutar diretamente contra o Estado e a sociedade, ela deve procurar convencer as pessoas que sua ideologia está correta e é a única possibilidade da espécie humana atingir a prosperidade e a felicidade. Para tanto, deve apresentar suas idéias, por mais absurdas e desumanas que



sejam, de forma atraente e procurar, sempre que possível, desqualificar as idéias dos oponentes. Ele recomenda que se use a técnica de modificar o sentido original das palavras. Dessa forma, algo que é ruim pode passar a ser bom e algo bom passar a ser visto como ruim. Essa técnica deve ser utilizada em toda a população, mas principalmente dentro das escolas e com o público jovem. Justamente o jovem que ainda está formando o seu caráter e conhecendo as normas e o funcionamento correto da vida social. Em outras palavras, o que Gramsci propõe, nos *Cadernos do Cárcere*, é que seja utilizada em ampla escala dentro da sociedade o processo de lavagem cerebral. Só assim o que antes era percebido como negativo, ruim, mau, pecaminoso e odioso, pode passar a ser percebido como positivo, bom, agradável e saudável.

De acordo com o jornalista italiano Alex Sardenha, que escreveu um livro chamado *Gramsci: uma biografia*, "Gramsci promoveu o casamento das idéias de Marx com as de Maquiavel, considerando o Partido Comunista o novo "Príncipe", a quem o pensador florentino renascentista dava conselhos para tomar e permanecer no poder.

Para Gramsci, mais ainda do que para Maquiavel, os fins justificam os meios e qualquer ato só pode ser julgado a partir de sua utilidade para a revolução comunista. Nesse sentido, certamente, Gramsci é um dos maiores teóricos do totalitarismo [do regime político autoritário] de todos os tempos".

Como é público a esquerda totalitária e autoritária representada por Gramsci nunca conseguiu impor sua ideologia ao mundo. Essa ideologia é o regime socialista.

Entretanto, apesar do fracasso da ideologia do socialismo as idéias de Gramsci continuam obtendo adeptos em todo mundo. Na sociedade contemporânea a mídia é um desses adeptos. Constantemente ela utiliza as técnicas de lavagem cerebral desenvolvidas por Gramsci para conseguir vender produtos, idéias e serviços que, a princípio, a população considera ruim, de baixa qualidade e desnecessários.

Outra corrente adepta das idéias de Gramsci é o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto, ou seja, o movimento que defende que um feto, um bebê ainda no ventre da mãe seja assassinado.

A idéia de assassinar um feto é terrível. Dificilmente um cidadão, gozando de suas plenas faculdades mentais, concordaria com ela. O mesmo se dá com a sociedade. Ela tende a rejeitar totalmente essa idéia.

Para tornar essa macabra idéia agradável e aceitável, tanto pelo cidadão como também pela sociedade, entra em cena, mais uma vez, as técnicas de lavagem cerebral de Gramsci.

O movimento favorável ao aborto ou pró-aborto se utiliza, basicamente, de duas grandes técnicas desenvolvidas por Gramsci. A primeira técnica é o esquecimento. Essa técnica se dá da seguinte forma: como esse movimento possui alta penetração na mídia, ele consegue lentamente retirar a imagem da

gravidez e do feto de circulação. Nos diversos meios de comunicação como, por exemplo, TV, cinema, jornal e revistas, a imagem da gravidez e do feto está, cada vez mais, desaparecendo. É comum aparecer apenas indivíduos adultos. Se um extraterrestre chegasse ao planeta terra e tivesse contato com a programação da mídia, pensaria que os seres humanos nascem todos adultos e que são gerados por árvores ou algum outro objeto. Este extraterrestre jamais pensaria que um ser humano nasce de outro ser humano e que leva nove meses para crescer no ventre de sua mãe antes de nascer.

Atualmente, existe em curso um grande processo que tem por objetivo fazer a população esquecer que existe a gravidez e o feto, ou seja, o bebê no ventre da mãe. A gravidez e o feto estão deixando de ser algo natural, para se transformar em algo estranho e desconhecido pelas pessoas.

A segunda técnica utilizada é procurar modificar o sentido original das palavras.

Uma palavra que antes tinha um sentido positivo, após passar pela técnica de lavagem cerebral torna-se negativa e ruim. Para tanto, utiliza-se do procedimento de substituição de palavras. Uma palavra “X” passa a ser substituída por outra “Y”. O movimento favorável ao aborto ou pró-aborto se utiliza largamente dessa técnica.

Por essa técnica a palavra “feto”, o bebê no ventre da mãe, justamente uma palavra carregada de sentidos positivos e otimistas passa a ser substituída por palavras que tenham sentidos contrários, ou seja, negativos e pessimistas. Entre as palavras que o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto utiliza para substituir a palavra “feto” encontram-se “amontoado de células”, “indesejado”, “pedaço de carne”, “massa”, “bife”, “alienígena”, “tumor”, “estrangeiro”, “estranho”, “monstro”, “vírus”, “doença”, “erro”, “resto”, “sobra”, “castigo” e “pacote”. Já imaginou o estrago mental que ocorre na consciência de uma adolescente quando ela ouve na escola, na TV ou em qualquer ambiente social que um feto é um “amontoado de células”, um ser “indesejado”, um “erro”, um “tumor”, um “pedaço de carne” ou qualquer uma das palavras acima citadas?

Além da palavra “feto” o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto procura modificar o sentido de outras palavras. Entre elas estão a palavra “gravidez”, “casamento”, “aborto” e as expressões “movimento favorável ao aborto ou pró-aborto” e “movimento em defesa da vida e contra o aborto”.

No tocante a palavra “gravidez” o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto procura modificá-la para “imprevisto”, “inconveniente”, “doença”, “erro”, “acidente”, “punição” e “irregularidade”. Imagine o estrago causado na consciência de uma jovem ao saber que gravidez é um “acidente”, um “inconveniente”, uma “irregularidade” ou uma “punição”?

Já a palavra “casamento”, uma das mais odiadas pelo movimento favorável ao aborto ou pró-aborto, é substituída pela palavra “morte”, “sepultura”, “tumulo”, “depressão”, “decadência”, “submissão”, “infelicidade”, “erro”, “prisão” e “castigo”

Além dessas palavras são utilizadas as seguintes expressões para se referir ao casamento: “instituição social”, “valor masculino e machista”, “valor social superado” e “punição social”. Imagine um jovem casal de namorados após ter contato com essas palavras e expressões, esse casal vai querer se casar e ter filhos(as)? Uma adolescente vai querer se casar e ter filhos(as)?

A expressão “movimento favorável ao aborto ou pró-aborto” é substituída por palavras e expressões, tais como: “inovador”, “consciente”, “liberal”, “livre escolha”, “transgressor”, “transformador” e “libertador”. Qual é o jovem ou o cidadão que após anos ouvindo essas palavras e expressões vai pensar que o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto é um movimento que defende o assassinato em massa de fetos? É um movimento que promove o genocídio de fetos?

Já a expressão “movimento em defesa da vida e contra o aborto” é ridicularizada e sofre todas as formas de preconceito. Isso fica patente nas palavras e expressões que são atribuídas a esse movimento. Entre elas citam-se: “conservador”, “antiquado”, “alienado”, “quadrado”, “ignorante”, “analfabeto”, “iletrado”, “defensor de valores sociais superados”, “submisso”, “infeliz”, “selvagem”, “retrogrado” e “superado”. Qual é o cidadão que vai querer aderir a um movimento social que possua características tão negativas? Como se pode ver a técnica da substituição de palavras é muito eficiente.

Outra palavra que o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto procura desesperadamente substituir é a palavra “aborto”, ou seja, o assassinato do feto ainda no ventre da mãe. Historicamente, a palavra “aborto” tem um forte teor negativo. Em algumas regiões do planeta ela é até proibida de ser pronunciada. Entretanto, o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto procura lhe dá um sentido positivo, afável e agradável. Para tanto, propõe substituir a palavra “aborto” por “esvaziamento do conteúdo do útero” (Qual é o conteúdo do útero, senão a criança por nascer?), “antecipação terapêutica do parto”, “terapia”, “regulação menstrual” (Aborto nos primeiros dias de gravidez. Este tipo de aborto geralmente é feito por aspiração), “livre escolha”, “ato de liberdade”, “cura de uma doença”, “libertação social”, “ato transformador”, “independência da mulher”, “proteção social”, “avanço social” e “projeto de sociedade”, “qualidade de vida” e “bem-estar”.

Qual é a pessoa que após anos ouvindo na TV, lendo nos jornais e tendo contato, em diversos ambientes sociais, com essas palavras e expressões vai pensar que por traz de um sentido tão positivo e otimista há em curso um massacre de fetos? Um genocídio de fetos? Quem pensará o contrário? Quem pensará que por traz da palavra ou expressão como, por exemplo, “terapia”, “antecipação terapêutica do parto”, “esvaziamento do conteúdo do útero”, “livre escolha” e “ato de liberdade” encontra-se o assassinato de bebês inocentes?

É possível ter uma visualização melhor da técnica de substituição de palavras no quadro que se encontra logo abaixo, cujo título é: “Lavagem cerebral. Técnica de substituição de palavras”.

**Lavagem cerebral**  
**Técnica de substituição de palavras**  
**Palavra ou expressão original**  
**Palavra ou expressão após a utilização**  
**da técnica de substituição**

<b>Lavagem cerebral</b>	
<b>Técnica de substituição de palavras</b>	
<b>Palavra ou expressão original</b>	<b>Palavra ou expressão após a utilização da técnica de substituição</b>
<b>Feto</b> (Bebê ainda no ventre da mãe)	Indesejado
	Amontoadado de células
	Objeto
	Peça
	Pedaço de carne
	Massa
	Tumor
	Bife
	Alienígena
	Estranho
	Estrangeiro
	Monstro
	Vírus
	Doença
	Erro
	Resto
Sobra	
Castigo	
Pacote ou Embrulho	
	Acidente

Gravidez	Imprevisto
	Inconveniência
	Doença
	Erro
	Punição
	Irregularidade
Casamento	Morte
	Sepultura ou Tumulo
	Depressão
	Decadência
	Submissão
	Infelicidade
	Erro
	Instituição social
	Valor masculino e machista
	Valor social superado
	Prisão
	Castigo
	Punição social
Aborto (Assassinato do feto ainda no ventre da mãe)	Livre escolha
	Bem-estar
	Qualidade de vida
	Esvaziamento do conteúdo do útero (Qual é o conteúdo do útero, senão a criança por nascer?).
	Antecipação terapêutica do parto
	Terapia
	Regulação menstrual (Aborto nos primeiros dias de gravidez feito, geralmente, por aspiração).

	Ato de liberdade
	Liberdade
	Cura de uma doença
	Libertação social
	Ato transformador
	Independência da mulher
	Proteção social
	Avanço social
	Projeto de sociedade
Movimento favorável ou pró-aborto (defende o assassinato e o massacre de fetos)	Consciente
	Inovador
	Liberal
	Livre escolha
	Transformador
	Transgressor
Movimento em defesa da vida e contra o aborto	Libertador
	Conservador
	Antiquado
	Alienado
	Submisso
	Infeliz
	Selvagem
	Retrogrado
	Quadrado
	Superado
	Ignorante
	Analfabeto
Iltrado	
Defensor de valores sociais superados	

Como se pode perceber por esse quadro, a técnica, desenvolvida por Gramsci, de modificar e/ou substituir é muito bem utilizada pelo movimento pró-aborto. Juntamente com essa técnica a utilização de outra técnica, ou seja, a técnica do esquecimento está ocasionando um grande processo de regressão na sociedade. Pela primeira vez na história da humanidade, o ser humano não tem consciência e não sabe o valor e a beleza de ter um(a) filho(a). A proposta de Gramsci de lavagem cerebral pode até ser eficiente, mas seus resultados são desastrosos. Uma prova disso é o gigantesco processo de inversão que o movimento pró-aborto está conseguindo realizar na sociedade contemporânea.

## O aborto e o darwinismo

Um dos argumentos mais utilizados pelo movimento que defende o aborto é que o ser humano é um produto da natureza e, por conseguinte, é uma espécie animal como outra qualquer. Este argumento tenta fazer uma ligação entre o ser humano, a natureza e o aborto. De acordo com essa linha de pensamento abortar, ou seja, matar o bebê ainda no ventre da mãe é um ato natural, produzido pela própria natureza. Essa linha de pensamento é apresentada nas universidades e demais centros de estudos superiores, na TV, na escola e em outros ambientes sociais.

A teoria que afirma que o ser humano é produto da natureza e, portanto, é apenas mais uma espécie animal foi desenvolvida pelo biólogo inglês Charles Darwin no século XIX. Ela ficou mais conhecida como teoria da evolução das espécies. Esta teoria gerou muitas polêmicas e contribuiu para o desenvolvimento de várias outras teorias científicas no campo da biologia, da botânica e outras áreas da pesquisa científica. Essas pesquisas científicas geralmente são apresentadas sobre o rótulo de *darwinismo*.

Como toda teoria científica a teoria da evolução das espécies está cercada por críticas e por sérias dúvidas. Entretanto, não é intenção desse pequeno artigo apresentar e discutir as críticas e objeções de cunho ético, filosófico, teológico e de outras formas que são constantemente realizadas a essa teoria.

Apenas deseja-se fazer uma pequena relação entre essa teoria, ou seja, entre o darwinismo e o aborto. Visto que essa relação é feita pelo próprio movimento que defende a prática do aborto.

Vamos partir da seguinte hipótese: a teoria darwinista está completamente correta e todas as dúvidas, críticas e objeções a essa teoria foram resolvidas. Dessa forma, a frase que sintetiza essa teoria é uma expressão da realidade. Essa frase é a seguinte: “O ser humano é produto da natureza, assim como qualquer outra espécie animal e, portanto, deus não existe”.

Dentro dessa hipótese é impossível se pensar, discutir e realizar um aborto, ou seja, o assassinato do bebê ainda no ventre da mãe. O motivo é claro e imples,

na natureza nenhuma espécie animal pratica o aborto. O aborto é antinatural e contrário à natureza. Na natureza uma fêmea de qualquer espécie animal dá a luz a todos os filhos que gerou.

Dentro da natureza uma preocupação constante das espécies animais é com a sobrevivência da própria espécie. Somente com a sobrevivência da espécie é que os indivíduos são capazes de estabelecer um projeto de vida autônoma. O aborto é uma ameaça à existência da espécie, justamente porque mata e destrói os fetos da própria espécie, ou seja, destrói a esperança de sobrevivência e continuidade da espécie. As diversas espécies animais presentes na natureza podem até lutar entre si por causa, por exemplo, de comida e de água, mas nenhuma espécie tem um projeto de autodestruição.

É por causa disso que as espécies animais presentes na natureza não praticam o aborto.

Elas simplesmente seguem a lei natural estabelecida pela própria natureza.

A conclusão que se pode tirar é que o argumento que tenta aproximar o darwinismo do aborto é uma grande mentira pregada, atualmente, livremente na sociedade. Se realmente os defensores do aborto fossem seguir este argumento ao pé da letra, sequer seria possível pensar no aborto, justamente porque na natureza nenhuma espécie tem um projeto tão negativo como este.

Entretanto, é necessário frisar que há, basicamente, dois fatores decisivos para se construir uma tentativa fracassada como a de ligar o aborto ao darwinismo. O primeiro fator é que essa tentativa visa dá um caráter “científico” e “natural” ao aborto. Já que o aborto é uma prática altamente rejeitada pela sociedade, para que a própria sociedade passe a perceber essa prática com olhos positivos é preciso torná-la “natural” e “científica”. O segundo fator é desviar a atenção da opinião pública sobre a gravidade do aborto. Além de ser um assassinato, o aborto é uma prática que coloca em risco a própria sobrevivência da espécie humana. Entretanto, isto não é alertado e nem sequer discutido.

## **As redes de solidariedade à vida humana**

Atualmente, cresce no mundo inteiro a idéia de “rede de solidariedade”. Não é intenção desse pequeno artigo discutir e apresentar as objeções realizadas a essa idéia.

De forma introdutória, apenas ressalta-se que as redes de solidariedade são redes formadas por pessoas das mais variadas classes sociais, idades e formação intelectual.

Elas são organizadas em núcleos grandes ou pequenos, em grandes cidades e pequenos vilarejos, a nível nacional e internacional. Essas redes procuram colocar em prática o ideal de solidariedade. Elas contam com grande apoio, estrutural e financeiro, do Estado de empresas provadas e de fundações



como, por exemplo, Rockefeller, Ford, MacArthur, Carnegie, Bill & Mellinda Gates e várias outras.

Existem redes de solidariedade para defender, reivindicar ou apoiar quase tudo no mundo. Serão apresentados alguns exemplos dessa questão. Há redes que lutam em prol de árvores e florestas, minorias étnicas, ideais políticos, por coleções exóticas de objetos como, por exemplo, sapatos velhos, disco de vinil e relógios quebrados, pela emancipação da mulher e outros grupos considerados oprimidos, a favor de todo tipo de ideologia, contra ou a favor da coca-cola, para defender animais exóticos como, por exemplo, o mico leão dourado, encontrado nas florestas tropicais brasileiras, e uma espécie rara de minhoca encontrada na Inglaterra.

A lista dos objetos defendidos pelas redes de solidariedade é muito maior do que os simples exemplos citados acima. Ninguém é contra a luta dessas redes. Apesar de muitas excentricidades presentes dentro das redes de solidariedade, ninguém é contra que se lute e defenda uma árvore em extinção, um animal exótico ou um objeto velho e sem uso.

Entretanto, o que surpreende é que não existe uma rede de solidariedade para defender a vida humana, principalmente a vida mais frágil, ou seja, a vida do bebê, do feto ainda no ventre da mãe. É incrível como o ser humano se preocupa com árvores, animais exóticos e objetos velhos e sem uso, mas não demonstra a mesma preocupação com o aborto: com o mesmo sigilo. Nem o Estado, nem as empresas privadas e muito menos as fundações, especialmente Rockefeller, Ford, MacArthur, Carnegie, Bill & Mellinda Gates, estão preocupadas em defender a vida humana e o seu nascedouro, ou seja, o bebê ainda no ventre da mãe.

Infelizmente, vivemos um momento histórico curioso e triste. Justamente um momento de alta alienação e esquecimento do valor e da dignidade da vida humana.

Tudo tem valor e é digno de se criar uma rede de solidariedade, menos o ser humano.

Sendo assim, é urgente que a sociedade e, essencialmente, os cristãos criem redes de solidariedade à vida humana, principalmente a vida mais frágil, ou seja, a vida do bebê, do feto ainda no ventre da mãe. A missão dessas redes será defender e proteger a vida humana, especialmente o bebê ainda no ventre da mãe.

Essas redes – que de fato serão de solidariedade – podem ser estabelecidas em paróquias e capelas, (arqui)dioceses e demais lugares de culto religioso, escolas, clubes e demais lugares públicos. Sem contar com a Internet – que atualmente é uma das mais eficazes formas de difusão das redes de solidariedade – que pode funcionar como grande veículo para reunir e incentivar as pessoas a defender a vida humana, especialmente o bebê ainda no ventre da mãe.

Atualmente, a vida humana sofre grandes ameaças, tais como: a legalização e a expansão do aborto e da eutanásia, a oficialização da pena de

morte por parte do Estado, as drogas, o terrorismo e outras formas de ameaças. Com este quadro altamente negativo, as redes de solidariedade à vida humana terão um grande trabalho e uma grande luta para realizar.

Infelizmente, na sociedade contemporânea é mais fácil defender árvores, bichos exóticos e objetos velhos e sem uso do que defender a própria vida humana. Parece até que a vida humana se tornou obsoleta. É algo que não merece ser mencionado, inclusive na propaganda da mídia. É por causa disso que o grande objetivo das redes de solidariedade à vida humana é reverter esse grave quadro. Essas redes deverão conscientizar a população de que sem a vida humana não é possível existir outras formas de organização social. Até porque sem o ser humano não a vida social e nem muito menos sociedade. Por causa disso é preciso rejeitar totalmente todas as formas de atentado contra a dignidade humana, tais como: uma guerra, um atentado terrorista, o aborto, a eutanásia e a pena de morte.

## **O aborto e a desobediência civil**

Segundo Maria Garcia “a sociedade contemporânea vive um momento de perturbação na consciência cívica” (Fonte: GARCIA, Maria. *Desobediência civil*. 2 ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004, p. 11). Segundo a autora, apesar de haver muito autoritarismo, por parte de vários setores como o Estado, a mídia e as empresas privadas, o cidadão pouco, ou quase nada, protesta e reclama por seus direitos. Dentro deste quadro, é preciso pensar no direito à resistência as autoridades e ao poder do Estado.

Como afirma Artur Machado Paupério, o chamado “direito de resistência”, que contemporaneamente é juridicamente fundamentado, deve ser invocado quando as sanções jurídicas organizadas contra o abuso do poder não são suficientes para conter a injustiça da lei ou dos governantes, pois estes, quando extravasados de seus naturais limites, muitas vezes não podem ser contidos por normas superiores que já não respeitam. Nestas condições, se reconhece aos governados a recusa à obediência, isto é, reconhece-se o direito da resistência a lei, ao Estado e aos governantes. (Fonte: PAUPÉRIO, Arthur Machado. *Teoria democrática da resistência*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 1).

O próprio Paupério afirma que “desde a Idade Média que se admite que os atos do soberano, desrespeitadores dos limites traçados pela lei natural, sejam formalmente nulos e sem efeito” (idem, p. 11). Do ponto vista filosófico e jurídico, desde a Idade Média que o direito à resistência foi formulado. Dentro da Idade Média, segundo Paupério, “o grande gênio que fundamentou o direito de resistência foi São Tomás de Aquino” (idem, p. 53).

Tomás de Aquino, apesar de esparsamente, deixou teoria orgânica acerca da tirania dos governantes e da resistência a essa tirania na *Suma teológica*, no

*Regime dos príncipes e no Comentário às sentenças de Pedro Lombardo*. Para ele a revolta contra a tirania, contra o governo autoritário, não é uma insurreição, mas o retorno à ordem social que o próprio Deus estabeleceu. Esta ordem social visa sempre o bem comum de Aborto: Discursos Filosóficos 38 todos os membros da comunidade, e não apenas a prosperidade do governante e de seus aliados. Na modernidade o pensador norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862), mais conhecido como Thoreau, no livro *A desobediência civil*, defende que é necessário desobedecer ao Estado, porque este retira do indivíduo a possibilidade de escolha, condição essencial para o exercício da cidadania, e lhe dá uma condição de ser inanimado, sem alma, semelhante à madeira, a terra e as pedras. Segundo ele, "o governo [o Estado] é capaz de fabricar [...] um indivíduo que é uma sombra pálida, uma vaga recordação da condição humana, um cadáver de pé e vivo que, entretanto, se poderia considerar enterrado. [...]. Na maioria das vezes não há qualquer livre exercício de escolha ou de avaliação moral. Diferentemente, esses homens se igualam à madeira, à terra e às pedras". (Fonte: THOREAU, Henry David. *A desobediência civil*. Tradução Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 16).

Para Thoreau, o Estado ao invés de garantir a participação e a liberdade dos cidadãos, transforma-os em escravos. É o Estado-senzala, herdeiro do regime escravista, onde apenas os governantes são livres e todos os demais indivíduos são escravos que devem se submeter passivamente as ordens dos seus senhores. Segundo ele, um indivíduo consciente "se sente tremendamente diminuído em meramente obedecer" (Idem, p. 29).

Por "desobedecer" ou "desobediência" Thoreau entende que é não aceitar as ordens dos superiores, neste caso específico dos superiores políticos, ou seja, dos governantes do Estado. A desobediência é "civil", porque é a desobediência do cidadão e da sociedade. Não é uma desobediência *do governo*, mas *contra o governo*. O cidadão desobediente deve gritar "eu não nasci para ser coagido" (Idem, p. 30).

Na sociedade contemporânea muitos são os fatores que podem e realmente levam o cidadão a desobedecer ao Estado e a sociedade. Entre estes fatores citam-se: alta carga de impostos, vigilância e controle da vida privada, imposição de valores, desejos e objetos de consumo por parte da mídia e desrespeito a dignidade da vida humana, especialmente da vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe.

Os fatores citados acima são demasiados extensos para serem discutidos num artigo tão pequeno. Entretanto, será discutido apenas um desses fatores, ou seja, o alto grau de autoritarismo do Estado e da sociedade sobre a dignidade da vida humana, especialmente da vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe.

Pesquisas recentes demonstraram que no Brasil 97% da população do país é contra o aborto e, o mais agravante, apenas 2% da população mundial é a favor

dessa prática altamente negativa. Como se pode ver há uma grande rejeição do aborto no Brasil e no mundo.

Por incrível que pareça há no mundo e no Brasil uma grande campanha para legalizar o aborto. Campanha essa que contraria os interesses da população e do cidadão. Essa campanha é financiada por grandes somas de dinheiro provenientes, essencialmente, do Estado, de partidos políticos – principalmente partidos políticos de esquerda –, de grandes empresas e de fundações multibilionárias como, por exemplo, Rockefeller, Ford, MacArthur, Carnegie, Bill & Mellinda Gates.

De forma geral, a campanha de imposição do aborto no Brasil e no mundo nos revela duas coisas. Primeira, na prática a democracia é apenas um discurso vazio.

Quando 98% da população do planeta é contrária ao aborto e mesmo assim ele é imposto, então deve-se perguntar: Onde está a democracia? A democracia é apenas para os 2% que são favoráveis ao aborto no mundo? Os 98% da população que são contrários ao aborto, não fazem parte da democracia? Segunda, o Estado, empresas privadas, partidos políticos – principalmente partidos políticos de esquerda – e fundações multibilionárias não estão preocupados com o ser humano, muito menos com a vida nascedoura, a vida do bebê ainda no ventre da mãe. Estas instituições sociais estão preocupadas com seus próprios interesses.

Como demonstram pensadores como Tomás de Aquino e Thoreau é preciso desobedecer ao Estado e a sociedade tirânica. Entretanto, essa desobediência não pode e não deve ser realizada por meio da violência. Se por acaso a desobediência for violenta, então o cidadão estará cometendo o mesmo ato autoritário que o Estado e a sociedade tirânica praticam. Acima de tudo, a desobediência deve ser pacífica e ordeira. É a desobediência do cidadão desarmado contra o poder do Estado autoritário, das empresas privadas, partidos políticos e das fundações multibilionárias que desejam impor o aborto no Brasil e no mundo.

Existem diversas formas de praticar a desobediência civil. Entre elas citam-se: greves e manifestações, passeatas, carreatas, recolher assinaturas contra o aborto, fazer barulho na rua, principalmente na frente da casa de políticos e altos funcionários públicos, telefonar e mandar cartas e e-mails para políticos, empresários e altos funcionários públicos protestando contra a tentativa de legalização do aborto, publicar artigos em jornais e revistas defendendo a dignidade da vida humana, andar na rua com alguma camisa ou outra parte do vestuário condenando o aborto, usar chaveiros e adesivos para carro e moto defendendo a vida mais frágil, ou seja, o bebê ainda no ventre da mãe, cancelar a assinatura de jornais e revistas que, direta ou indiretamente, sejam a favor do aborto, escrever cartas ou enviar e-mails protestando para programas de TV e rádio que sejam a favor do aborto e muitas outras.

Uma tática de desobediência civil muito difundida nos EUA é a de milhares de cidadãos se deitarem no chão em frente de clínicas que praticam o aborto e em frente a sede de empresas privadas, partidos políticos, TVs e rádios que são favoráveis ao aborto. Em alguns casos se forma uma longa fila de mais de 4 quilômetros de extensão com cidadãos deitados no chão impedindo a passagem de veículos e de pessoas. Essa ação causa prejuízos financeiros as empresas privadas e ao Estado. E com isso a reivindicação a favor da vida ganha visibilidade social. Em países como, por exemplo, França, Alemanha e Holanda uma outra tática de desobediência civil muito empregada é a formação de correntes humanas bloqueando à entrada de clínicas que praticam o aborto, a sede de empresas privadas, partidos políticos, TVs e rádios que são favoráveis ao aborto. Assim como nos EUA, essa tática também provoca prejuízos financeiros as empresas privadas e ao Estado e, com isso, a reivindicação a favor da vida ganha visibilidade social. As táticas de desobediência civil desenvolvidas nos EUA e em países da Europa podem, perfeitamente, ser colocadas em práticas em qualquer lugar do mundo.

Outra tática de desobediência que pode ser colocada em prática em qualquer lugar do mundo é a ação de conscientização contra o aborto desenvolvida pela Arquidiocese do Rio de Janeiro, no Brasil. Segundo os jornalistas Malu Toledo e Johanna Nublat, no Rio de Janeiro, durante o período da Quaresma, a Igreja Católica passou a usar fetos feitos de resina e vídeos durante missas e palestras. Em muitos tempos católicos o feto fica dentro de um vidro com gel, representando a placenta, exposto no altar, para lembrar os fiéis da importância da gravidez e do bebê ainda no ventre da mãe. Segundo estes jornalistas: No total, foram confeccionados 600 bonecos em forma de feto para serem distribuídos nas 264 paróquias da cidade e usados nas missas de domingo durante a Quaresma. O combate ao aborto é tema da campanha da fraternidade deste ano da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). O lema é "Escolhe, pois, a vida". Mais polêmica é a exibição de quatro vídeos com cenas reais de fetos sendo retirados de mulheres. Neles, médicos descrevem como é feito o procedimento. Em Ipanema, uma trilha sonora dramática acompanha uma das imagens mais chocantes: um feto sendo arrancado pela cabeça" (Fonte: TOLEDO, Malu, NUBLAT, Johanna. Contra o aborto, igreja usa réplica de feto durante missa. IN: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11/03/2008).

Além desses simples exemplos existe um que não pode faltar dentro da desobediência civil: é o cidadão acima de tudo não aceitar a imposição do assassinato em massa de fetos. O cidadão deve sempre expor sua opinião crítica e favorável a vida. Ele não deve se intimidar diante das ameaças e constrangimentos psíquicos e físicos que o Estado, empresas e fundações multibilionárias podem lhe causar. Como bem afirma Thoreau é preciso lutar contra as estruturas sociais que desejam escravizar o cidadão. Lutar pela dignidade da vida humana, especialmente da vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe, é lutar por todos os demais direitos (educação, saúde e outros) que o ser humano possui. É preciso lembrar que sem a vida não existe qualquer outro direito.

O direito a vida é fundamental para a garantia de todos os demais direitos. Para que qualquer outro direito possa existir é necessário que o indivíduo esteja vivo. Os mortos não possuem direitos. Infelizmente, na sociedade contemporânea o direito à vida está sendo ameaçado pelo Estado, por empresas privadas e por fundações multibilionárias. Para garantir a liberdade e os demais direitos o cidadão necessita desobedecer a estas estruturas sociais. Lutar a favor da vida e contra o aborto é lutar por todos os direitos que o cidadão possui.

## O aborto e a 13ª Conferência Nacional de Saúde

De 14 a 18 de novembro de 2007, realizou-se em Brasília, na capital federal, a 13ª Conferência Nacional de Saúde, reunindo 4.500 pessoas. Dentre elas, tinham direito a voto 2.275 delegados estaduais e nacionais eleitos em conferências de saúde regionais — 50% deles são usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), 25% trabalhadores do sistema e 25% gestores (secretários estaduais e municipais e representantes do Ministério da Saúde).

É necessário frisar que as conferências de saúde acontecem a cada 4 anos. De acordo com a jornalista Irene Lobo a 1ª Conferência Nacional de Saúde foi realizada no Brasil há 66 anos, durante o governo Getúlio Vargas. Desde então, ocorreram outras 12 edições, em que a população brasileira teve a oportunidade de discutir e propor diretrizes para as políticas de saúde implementadas no país. A primeira conferência, em 1941, ocorreu antes mesmo da criação do Ministério da Saúde. Diferentemente das conferências mais recentes, convocadas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) e pelo Ministério da Saúde, quem esteve à frente da primeira edição foi o então ministro da Educação, Gustavo Capanema (Fonte: LÔBO, Irene. *Conheça o histórico das conferências nacionais de saúde, ponto a ponto*. IN: Agência Brasil. Disponível em <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/11/09/materia.2007-11-09.1423310904/view>. Acessado em 01/03/2008.).

De acordo com o site *Portal do Mundo do Trabalho*, um site ligado aos movimentos sociais, a 13ª Conferência Nacional de Saúde se propôs a “discutir as diretrizes para a formulação da política de saúde no século XXI” (Fonte: Portal do Mundo do Trabalho. *13ª Conferência Nacional de Saúde*. Disponível em <http://www.cut.org.br/site/start.cut?inford=14702&sid=6>. Acessado em 01/03/2008.) e seu lema central era "Saúde e Qualidade de Vida: política de Estado e desenvolvimento". Na prática as conferências de saúde são uma grande reunião pública, porém esvaziada. Historicamente o Estado e os políticos, de diversos partidos, ignoram essas conferências. Elas sevem para discutir os problemas e possíveis soluções das diversas crises que passam o sistema de saúde brasileiro. Entretanto, o resultado dessas discussões pouco interessam ao Estado, aos políticos e aos altos funcionários públicos.

Entretanto, a 13ª Conferência Nacional de Saúde prometia ser diferente. A questão é que a intenção dos organizadores da conferência era debater muito pouco sobre o tema central, ou seja, saúde e qualidade de vida, e orientar o debate para outra questão, isto é, a legalização do aborto no Brasil.

A intenção do movimento pró-aborto era transformar a 13ª Conferência Nacional de Saúde num grande fórum nacional em defesa do aborto. E ao final do evento, no dia 18/11/2007, publicar um manifesto defendendo o aborto e, por conseguinte, cobrar do governo federal a imediata legalização do aborto no país.

Para essa finalidade não faltaram recursos financeiros, distribuição de vasto material pró-aborto (livros, folders, cartilhas, manuais e outros), apoio estrutural do

Estado, de partidos políticos – principalmente partidos de esquerda –, de altos funcionários públicos, de organizações feministas como, por exemplo, o Centro

Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA) e a Rede Nacional Feminista de Saúde, e de fundações internacionais multibilionárias como, por exemplo, Rockefeller, Ford, MacArthur, Carnegie, Bill & Mellinda Gates. Além disso, houve o apoio direto de importantes líderes do movimento pró-aborto no Brasil e no mundo, do atual ministro da saúde, o Sr. José Gomes Temporão, e do presidente da 13ª Conferência Nacional de Saúde, o Sr. Francisco Batista Júnior, mais conhecido como Francisco Júnior.

Os graves problemas da saúde pública brasileira foram discutidos a partir da ótica do aborto. É como se o aborto fosse uma espécie de “passe de mágica” que iria resolver todos os problemas de saúde do Brasil. Basta à mulher abortar e seus problemas de saúde estarão resolvidos.

Se uma pessoa que não soubesse da temática da conferência entrasse, por acaso, no auditório onde eram realizadas as discussões centrais, pensaria que a referida conferência tinha por objetivo legalizar o aborto no Brasil e não discutir as diretrizes para a formulação da política de saúde no Brasil no século XXI.

O próprio ministro da saúde, o Sr. José Gomes Temporão, fez um exaltado discurso defendendo a legalização do aborto no Brasil. Em suas palavras o aborto é um “projeto de civilização” e, portanto, tem por obrigação ser legalizado no país (Fonte: *Atas da 13ª Conferência Nacional de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.).

Além disso, uma das artimanhas dos representantes do governo e do grande e poderoso lobby pró-aborto na 13ª Conferência, para conseguir a aprovação do aborto, foi justamente “esconder” a palavra “aborto” do texto a ser votado na plenária final da conferência. A tática de “esconder” foi utilizada por meio da expressão “livre interrupção da gravidez”. No texto final foi colocada a seguinte expressão para substituir a palavra “aborto”: “assegurar os direitos sexuais e reprodutivos, respeitar a autonomia das mulheres sobre seu corpo, reconhecendo-o como problema de saúde pública e discutir sua descriminalização por meio de projeto de lei” (Fonte: *Atas da 13ª Conferência Nacional de Saúde*).

Brasília: Ministério da Saúde, 2007.). Sem a palavra “aborto”, a expressão acima citada ficava menos contundente. O intuito foi claro: confundir os delegados com direito a voto que poderiam ficar menos chocados e enganá-los, pois ficavam sem saber direito no que estavam votando.

Entretanto, para surpresa do governo e do grande e poderoso lobby pró-aborto, 70% dos delegados votaram contra a proposta de legalização total do aborto no Brasil.

Aproximadamente 1.593 delegados votaram contra a legalização do aborto no Brasil, dos 2.275 que tinham direito a voto na 13ª Conferência.

Segundo o jornalista Paulo Roberto Campus “tal resultado — espetacular, pois nunca visto em anteriores conferências — não têm efeito legal, mas é considerado muito importante, uma vez que exerce influência na formulação de políticas acerca do aborto e serve para pressionar os congressistas a fim de que não votem pró-aborto” (Fonte: CAMPUS, Paulo Roberto. Por amplíssima maioria: rejeitada a proposta de descriminalização do aborto. IN: *Blog da Família*. Disponível em <http://blogdafamiliacatolica.blogspot.com/>. Acessado em 01/03/2008.).

O resultado da votação causou uma enorme decepção no governo e no grande e poderoso lobby pró-aborto. Não faltaram críticas e tentativas de explicar essa enorme derrota. De acordo com o editorial do jornal virtual *Mulheres de Olho*, do dia 20/11/2007, “não foi trivial sintetizar tudo o que aconteceu nesta conferência, marcada pelo tom ‘plebiscitário e avesso a destaques e discussões’, reinante na plenária final. É preciso lembrar que esta é a estratégia costumeira da Igreja Católica (IC), ou seja, descartar o debate, impor idéias e dogmas barrando a reflexão, a escuta e a alteridade. Este foi o tom imposto durante toda a conferência” (Fonte: Radis pauta 13ª Conferência Nacional de Saúde. IN: *Mulheres de Olho*. Disponível em <http://www.mulheresdeolho.org.br/?p=337>. Acessado em 01/03/2008.).

Além disso, Clair Castilhos, diretora da Rede Nacional Feminista de Saúde, criticou a decisão dizendo que ela reflete o “fundamentalismo de setores da sociedade brasileira” (Fonte: CAMPUS, Paulo Roberto. Por amplíssima maioria: rejeitada a proposta de descriminalização do aborto. IN: *Blog da Família*. Disponível em <http://blogdafamiliacatolica.blogspot.com/>. Acessado em 01/03/2008.).

Entretanto, para surpresa, o presidente da 13ª Conferência, o Sr. Francisco Batista Júnior, que é um árduo defensor do aborto, afirmou que a “[...] votação foi democrática. A Igreja Católica e a Pastoral da Criança fizeram um trabalho de convencimento.

Quando perceberam que as posições eram divergentes, começaram a se articular, o que é legítimo” (Fonte: *Agência Brasil*. Disponível em <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007>. Acessado em 01/03/2008.).



Sobre o resultado da votação, o representante da pastoral da criança, o Sr. Clovis Bouffleur, declarou: "Essa posição [da 13ª Conferência] reflete o pensamento do povo brasileiro". E acrescentou: "O governo fica enfraquecido na sua decisão, porque a conferência decidiu que em relação ao aborto nos próximos quatro anos a posição é essa" (Fonte: CAMPUS, Paulo Roberto. Por amplíssima maioria: rejeitada a proposta de descriminalização do aborto. IN: *Blog da Família*. Disponível em <http://blogdafamiliacatolica.blogspot.com/>. Acessado em 01/03/2008.).

É preciso enfatizar que a derrota da proposta de legalizar o aborto no Brasil por meio da 13ª Conferência causou uma enorme surpresa no governo, nos partidos políticos – principalmente os partidos de esquerda – e no grande e poderoso lobby pró-aborto.

Todas essas estruturas sociais e pró-aborto tinham investido muito dinheiro, propaganda e poder de convencimento. Enquanto os defensores da vida, principalmente da vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe, quase não tinham propaganda e até sua entrada no auditório central da 13ª Conferência era restrita, a militância pró-aborto gozava de toda a estrutura disponível e de amplo apoio na mídia.

A derrota da proposta de legalização do aborto por meio da 13ª Conferência fez que essa conferência voltasse a ser o que sempre foi, isto é, um evento público a nível nacional, mas sem qualquer interesse do governo, dos partidos políticos e da grande mídia. O próprio ministro da saúde, o Sr. José Gomes Temporão, após o anúncio da derrota da proposta de legalizar o aborto, declarou: "a conferência não é deliberativa", logo suas decisões não têm importância (Fonte: *Atas da 13ª Conferência Nacional de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.).

Diante da derrota da proposta de legalizar o aborto por meio da 13ª Conferência é preciso se realizar 4 constatações muito tristes. 1. Com relação à declaração do ministro da saúde, o Sr. José Gomes Temporão, de que o aborto é um "projeto de civilização". Diante dessa declaração é preciso perguntar: Então, as pessoas que são contrárias ao aborto, que representam aproximadamente 98% da população mundial, são selvagens? Elas são bárbaras? Já que o Brasil é um país que não aprova o aborto, então esse país não é civilizado? De acordo com a proposta do ministro da saúde a civilização é um privilégio apenas para os grupos que defendem o aborto. Qualquer pessoa que seja contrária a este ato não pode ser considerada civilizada.

É lamentável que a idéia de civilização seja reduzida ao ato de assassinar bebês. A filosofia e a ética sempre defenderam que a civilização existe para melhorar a dignidade humana e impedir todo e qualquer ato de barbárie. Infelizmente, o atual ministro da saúde pensa de forma contrária. Na sua visão – e também de líderes políticos e da militância pró-aborto – a civilização existe para assassinar pessoas inocentes, que se quer tiveram o direito de nascer, justamente o direito fundamental do ser humano. Na prática o que o Sr. José Gomes Temporão, enquanto representante do movimento pró-aborto, propõe não é um

projeto de civilização, mas, ao contrário, um projeto de regressão social. Todos os avanços da tecnologia e da humanidade serão abandonados em nome da barbárie, da violência e da morte. É triste ver que essas idéias dominam o ministério da saúde do Brasil.

2. Se a 13ª Conferência votasse em peso pelo aborto, o lobby pró-aborto insistiria na sua legalização e usariam um discurso do tipo: “os políticos, dos diversos partidos que compõem o congresso nacional, e o governo federal precisam aprovar a prática do aborto, pois devem seguir a vontade popular”. Como 70% dos delegados votaram contrários a essa proposta, então o discurso é outro. O ministro da saúde, o Sr. José Gomes Temporão, declarou que “a conferência não é deliberativa”, logo suas decisões não têm importância, e a jornal virtual feminista e pró-aborto *Mulheres de Olho* declarou que a conferência era uma forma de “impor idéias e dogmas barrando a reflexão”. É interessante que se a posição da plenária da 13ª Conferência fosse favorável ao aborto todos iriam afirmar que essa votação foi democrática, como o resultado foi contrário aos interesses do lobby pró-aborto, então a votação e todas as discussões que lhe antecederam não têm valor algum.

Este fato é um simples exemplo da falsa democracia reinante no Brasil e no mundo. Quando a votação agrada aos interesses do lobby pró-aborto e de outros lobbies contrários à dignidade humana como, por exemplo, os grupos de pressão que desejam legalizar o uso de drogas e o casamento gay, então a votação é válida e o congresso e o governo federal precisam se curvar diante dessa votação. Entretanto, quando a votação é contrária aos interesses desses lobbies, então ela não tem valor algum e as pessoas que votaram não passam de “conservadores” e indivíduos que desejam “impedir a reflexão”.

Dentro da falsa democracia reinante no Brasil e no mundo só quem pode refletir e votar são os militantes dos diversos grupos pró-aborto e outros grupos contrários à dignidade humana.

3. A posição da Sra. Clair Castilhos, diretora da Rede Nacional Feminista de Saúde, que declarou que a decisão da 13ª Conferência reflete o “fundamentalismo de setores da sociedade brasileira” é muito complicada. Isto se dá por dois motivos.

Primeiro, essa declaração não é uma posição pessoal da Sra. Clair Castilhos. Pelo contrário, representa a posição oficial da Rede Nacional Feminista de Saúde e de grande parte do movimento pró-aborto no Brasil. Segundo, essa declaração é altamente preconceituosa. Atualmente, a palavra “fundamentalista” é um termo carregado de preconceito e de valores negativos. Atribui-se essa palavra a pessoas que cometem atos terroristas e que possuem valores sociais considerados superados ou retrógrados. Sendo assim, é necessário perguntar: porque as pessoas que são contrárias ao aborto são “fundamentalistas”? Essas pessoas defendem a vida, principalmente a vida do bebê ainda no ventre da mãe. Porque a palavra “fundamentalista” não é empregada para designar a posição

abortista? Afinal, destruir a vida mais frágil, ou seja, do bebê ainda no ventre da mãe, não é uma posição fundamentalista?

É necessário perceber que existe um tipo de fundamentalismo que não foi citado pela Sra. Clair Castilhos, e não é citado por nenhum militante pró-aborto e nem é transmitido pela escola e pela mídia. Trata-se do fundamentalismo produto do ateísmo, do secularismo e da sociedade neopagã. Geralmente, esse fundamentalismo aparece para as pessoas como se fosse algo bom, progressista e moderno, mas, na verdade, é tão ou até pior do que o fundamentalismo que provoca atos de terrorismo. O fundamentalismo ligado ao ateísmo, ao secularismo e a sociedade neopagã é contrário à família dita tradicional, ou seja, pai, mãe e filhos, ao casamento, a gravidez e, por fim, ao feto ainda no ventre da mãe. Em nome de um falso “progresso” este tipo de fundamentalismo deseja, a qualquer custo, destruir a família, o casamento, a gravidez e o feto.

4. A derrota da proposta de legalizar o aborto na 13ª Conferência, mostrou que o povo brasileiro é, na sua essência, contrário a essa proposta. Entretanto, essa derrota foi apenas mais uma derrota do movimento pró-aborto no país. É preciso ressaltar que esse movimento possui grandes fontes de financiamento, principalmente com dinheiro oriundo do Estado e de fundações internacionais multibilionárias como, por exemplo, Rockefeller, Ford, MacArthur, Carnegie, Bill & Mellinda Gates, e grande penetração na mídia.

É por causa disso que o movimento pró-vida precisa ser mais articulado e integrado. Este movimento sofre de dois sérios problemas: 1) Falta de dinheiro, 2) Falta de penetração na mídia. Estes dois problemas não são fáceis de serem superados.

Entretanto, a superação e a vitória definitiva sobre a ideologia do aborto só será possível por meio de uma maior articulação e integração das várias células pró-vida que, atualmente, se encontram espalhadas pelo país.

## **O aborto e o crescimento do Islã**

Um dos projetos e programas de maior êxito na sociedade ocidental contemporânea é o controle da natalidade. Este controle se dá de diversas formas, tais como: ampla distribuição de preservativos sexuais e de anticoncepcionais, ampla campanha na mídia e nas escolas contra a gravidez e qualquer forma de contracepção, maciço incentivo ao homossexualismo e a prática do aborto.

Não é intenção desse pequeno artigo realizar uma ampla análise do êxito dos projetos e programas de controle da natalidade implantados, muitas vezes de forma autoritária, nos países do Ocidente. A intenção é bem mais simples: tenciona-se fazer uma relação entre o êxito da política e dos programas pró-aborto e o crescimento da religião muçumana no Ocidente.

Inicialmente, é necessário realizar duas constatações.

1. Os valores culturais, políticos e estratégicos do Islã são divergentemente diferentes dos ocidentais. Uma população majoritariamente muçumana em algum país do Ocidente pode acarretar que valores e práticas sociais rejeitadas por esse país se tornem uma obrigatoriedade social. Alguém imagina algum país ocidental dito moderno ou pós-moderno tendo que adotar o véu islâmico? Ou as rígidas práticas religiosas do Islã?

2. Não se deve imaginar que o Ocidente não deseja ter uma maioria muçumana por questões religiosas, e principalmente por causa da religião cristã. É preciso ter consciência que oficialmente o Ocidente é ateu ou neopagão. Desde o século XVIII que as elites ocidentais passam por um progressivo processo de adesão ao ateísmo. E durante o século XX as classes médias aderiram, com grande entusiasmo, ou ao ateísmo ou a alguma forma de neopaganismo. Sobre essa questão o filósofo Battista Mondin afirma: “Depois da revolução francesa, o ateísmo impregnou a sociedade em todas as suas expressões culturais: é atéia a política, a cultura, a ciência, a educação, a economia, a filosofia, a moral; são ateus os costumes e os meios de comunicação de massa; são atéias as manifestações públicas e a conduta privada. Todo o ser sócio-cultural está impregnado de ateísmo, da cabeça aos pés. O ateísmo é, para a nossa sociedade e sua cultura, aquilo que a religião foi para a sociedade e as culturas que a precederam” (Fonte: MONDIN, Battista. *Quem é Deus? – Elementos de teologia filosófica*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997, p. 141). As diversas elites ocidentais se orgulham de não serem mais cristãs. Por sua vez, os Estados nacionais ocidentais são leigos e, em grande medida, anticristãos e anti-religiosos.

Um pequeno mais significativo exemplo dessa questão foram as discussões para a aprovação da Constituição da União Européia. Durante essas discussões o

Vaticano propôs que as origens cristãs da Europa fossem mencionadas oficialmente nessa Constituição. Por mais que o Ocidente não seja mais cristão não se pode negar que foi a ação dos missionários e dos santos da cristandade que contribuiu decisivamente para a constituição dos países ocidentais. Entretanto, apesar dos apelos da Santa Sé isto não aconteceu. Na prática, o único Estado e a única sociedade genuinamente cristã no Ocidente é o Vaticano.

Não se deseja entrar na discussão se há ou não uma guerra de civilizações. Se realmente existe no mundo a seguinte dicotomia: de um lado, o Ocidente, oficialmente ateu e adepto de todas as formas de vanguardas sócio-culturais, do outro lado, o Islã, uma civilização presa a valores religiosos e considerados pelo Ocidente como ultrapassados e conservadores.

Entretanto, o fato recorrente é que atualmente o Islã é uma civilização em franca expansão pelo planeta terra. De um lado, o Islã se expande por meio da luta armada e da conquista militar. Do outro lado, ele se expande por meio da alta taxa de natalidade. Enquanto no Ocidente a média é de um filho para cada duas mulheres e em países como, por exemplo, o Canadá e a Suécia está média é de

um filho para cada quatro mulheres, uma única mulher islâmica tem, no mínimo, 6 filhos. A taxa de natalidade das mulheres islâmicas é uma das maiores do mundo atingindo a média de 6,2 filhos por mulher. Outro dado estatístico importante que deve ser observado: enquanto um único homem muçumano chega a ter até 54 filhos, no Ocidente um grupo de 10 homens tem em média apenas 4 filhos.

Dessa forma, enquanto o Islã cresce espantosamente devido, em grande medida, a alta taxa de natalidade, o Ocidente envelhece e a sua população diminui rapidamente. Em grande medida, isto se deve a agressiva política e aos programas de controle da natalidade, especialmente ao aborto.

Atualmente, no Ocidente ter filhos se transformou em uma doença, uma maldição ou um crime. A imagem positiva da gravidez, do feto e do nascimento de uma bebê há muito tempo que foi desfeita pela política de “não ter filhos”, “ter apenas um filho” ou “ser feliz sem ter filhos”. Nos países ocidentais as pessoas são educadas, desde crianças, a terem uma visão negativa da gravidez e do feto. Além disso, elas são educadas para pensar que a melhor condição, dentro da sociedade do consumo e da competição, é não ter filhos.

Devido a este triste quadro o Islã tem crescido rapidamente nos países ocidentais.

Um pequeno exemplo desse problema é que “no Reino Unido, o segundo nome mais atribuído às crianças em 2006 foi Maomé, o nome do fundador do islã. Maomé superou nomes tipicamente ingleses, como Thomas ou Oliver. A razão é óbvia: as famílias maometanas têm muito mais filhos que as inglesas, e mostram maior coerência com as tradições religiosas. Os muçulmanos correspondem a 3% da população britânica e estão em rápida expansão, pois atingem uma taxa de nascimento três vezes superior à dos não-islâmicos. (Disponível em <http://lumenrationis.blogspot.com/>. Acessado em 07/03/2008.).

Em países como, por exemplo, Espanha, Alemanha e Holanda já se discute abertamente o problema do crescimento acelerado do Islã. Entretanto, em nenhum país a situação é tão grave como na França. Neste país já se fala até de uma maioria muçumana, dentro de sua população, nos próximos 30 anos. Está perspectiva é alarmante. Desde o século XVIII, a França é sinônimo da democracia representativa e modelo de todos os modismos intelectuais e de todas as vanguardas culturais. Se o Islã continuar a crescer em ritmo acelerado neste país, em pouco tempo poderá por meio da própria democracia impor aos franceses sua religião, sua cultura e seu estilo de vida.

Trata-se de uma equação matemática muito simples: na democracia representativa vence quem tiver mais votos. Como o Islã cresce rapidamente devido a alta taxa de natalidade e as populações ocidentais, especialmente a população francesa, diminui, também rapidamente, devido a forte política de controle da natalidade, especialmente a prática do aborto, então o triunfo eleitoral do Islã é inevitável na França e em outros países ocidentais.

Deter o crescimento do Islã é algo muito complicado e complexo. Todavia,

ninguém pode negar que a baixa taxa de natalidade do Ocidente é um forte fator que impulsiona este crescimento.

Não existe uma fórmula mágica para deter este crescimento, entretanto é preciso ter consciência de que se o Ocidente deseja conservar sua cultura e seus valores, incluindo a liberdade e a democracia<sup>1</sup>, precisa com urgência rever sua política de controle da natalidade, especialmente os programas de apoio e incentivo a prática do aborto.

O Ocidente precisa novamente valorizar a natalidade, o casamento, a gravidez, o feto e o nascimento dos bebês. A chegada de um(a) filho(a) precisa novamente ser vista com otimismo. Só assim os baixíssimos índices de natalidade serão lentamente revertidos e, por conseguinte, os países ocidentais se encherão de juventude, de alegria, de desejo de viver e, por conseguinte, será possível pensar em rechaçar totalmente o perigo de uma maioria islâmica dentro do Ocidente.

Para concluir, é preciso ter a firme consciência que combater e criticar o aborto é uma forma eficiente de evitar o triunfo do Islã no Ocidente. Para que os países ocidentais possam manter seus valores culturais, sua liberdade, incluindo a democracia, é preciso ter filhos e renegar a política e a prática do aborto.

---

<sup>1</sup> Não é discutido neste pequeno artigo se a democracia realmente existe ou se é apenas uma fachada para impor doutrinas e políticas autoritárias.

## Tomás de Aquino e o aborto

Tomás de Aquino é um dos grandes filósofos que a humanidade deve o privilegio de possuir. O doutor angélico, como é mais conhecido, formulou brilhantemente a síntese entre a fé e a razão. Além disso, explicou – do ponto de vista ético e filosófico – de forma clara e concisa praticamente todas as questões referentes ao cotidiano humano.

É por causa disso que o *Código de direito canônico* (252, 3) recomenda aos fiéis cristãos a leitura e a reflexão do pensamento de Tomás de Aquino como uma forma eficiente de “aprender a penetrar mais profundamente os mistérios da salvação”. Sobre a constante atualidade do pensamento de Tomás de Aquino, o filósofo Battista Mondin afirma: “[...] no campo da razão, as lições filosóficas de São Tomás têm um valor perene [constante]” (Fonte: MONDIN, Battista. *Grandeza e atualidade de São Tomás de Aquino*. Bauru: EDUSC, 1998, p. 31).

Atualmente, a humanidade passa por uma série de graves problemas éticos. Entre estes problemas se encontra a tentativa de legalizar o aborto em âmbito mundial, inclusive no Brasil. O aborto é uma ideologia que defende abertamente o assassinato do feto ainda no ventre da mãe. É uma ideologia

autoritária que pretende limitar e, em certos casos, proibir o direito fundamental do ser humano, ou seja, o direito de nascer.

Infelizmente essa ideologia tem ampla penetração na mídia, nas escolas, nas universidades e outros espaços públicos.

Devido à importância de Tomás de Aquino para a humanidade e, por conseguinte para as discussões éticas, é preciso saber com urgência o que recomenda o doutor angélico sobre a ideologia do aborto.

Segundo Tomás de Aquino a atividade procriadora do homem, ou seja, a atividade de ter filhos se baseia no direito natural. Na inclinação do homem a se reproduzir, na diferença, na atração e na complementação fisiológica e psicológica dos sexos, ouve-se a voz da natureza que quer e impõe a conservação da espécie humana. Ao direito da natureza se junta, valorizando-o, o direito divino positivo, o preceito que ecoa, preciso e categórico, no limiar do Éden: “Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1, 28).

A lei que domina como soberana sobre a semente familiar é a multiplicação. Sob esta humana, nenhuma sociedade, mesmo a nação, grupo político ou uma aspecto que apresenta a família como o viveiro eterno de onde nasce toda a coletividade ideologia como, por exemplo, a ideologia do aborto, pode pretender suplantar por sua importância o minúsculo e elementar organismo do lar doméstico.

É preciso notar que a lei da procriação é um dever para a coletividade e um direito para o indivíduo; direito que não é anulado pela lei do casamento. Tomás de Aquino formula, com a precisão do especialista em ética, a verdadeira natureza da relação conjugal. A esse propósito ele estabelece primeiro o princípio geral de que essa relação se situa nos domínios que escapam à esfera de *competência das autoridades sociais*.

“Nas coisas que interessam essencialmente à nossa natureza corporal, por exemplo, a geração [de filhos] e a nutrição [do corpo], não se é obrigado a obedecer aos homens, mas somente a Deus, devido à igualdade natural de todos os homens” (*Suma Teológica*, II-IIae /q. 104/5, Grifo nosso).

Outro princípio invocado por Tomás de Aquino para reger a atividade procriadora é a distinção entre duas espécies de deveres. A primeira é a que obriga cada membro da comunidade, e nesse caso cada um pessoalmente é aí incluído. A segunda é a que incumbe à sociedade, e nesta cada indivíduo não está incluído. Assim, o dever de combater incumbe a todo o exército, mas cada soldado não é tanto obrigado individualmente, pois cada membro do exército pode concorrer para a vitória de diferentes modos. Assim, também a família e os indivíduos são obrigados a concorrer para o bem social da comunidade nos diferentes estados de vida que lhe são necessários, mas não em todos. (*Suma Teológica*, II-IIae/ q.152/4/ad 3m).

Diante dos graves problemas éticos e sociais que o atual modelo social enfrenta e diante da gigantesca pressão da ideologia do aborto que afirma que

todos estes problemas serão resolvidos com o assassinato do feto ainda no ventre da mãe, só resta ao indivíduo seguir, de forma consciente, a recomendação de Tomás de Aquino, ou seja, não importa as pressões econômicas e políticas, o poder do Estado, dos partidos políticos, da mídia e das empresas privadas, o indivíduo “não é obrigado a obedecer aos homens, mas somente a Deus”. No tocante a atividade procriadora e, por conseguinte, a prática do aborto, Tomás de Aquino deixa bem claro a posição ética a ser seguida, ou seja, é preciso conservar a espécie humana e, portanto, ter filhos e renegar totalmente a ideologia do aborto.

## **Herodes, a matança dos inocentes e o aborto**

No calendário cristão o dia 28 de dezembro é reservado para a comemoração do dia dos santos inocentes, ou seja, das crianças de 0 a 2 anos de idade mortas a mando do rei Herodes. Embora não estivessem em pleno uso da razão, morreram por Jesus Cristo, e, por isso, a Igreja os honra com o título de mártires.

A matança dos inocentes é uma conhecida e popular passagem bíblica. Nesta passagem afirma-se que: "Um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse: levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito; fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar'. José levantou-se durante a noite, tomou o menino e sua mãe e partiu para o Egito ... Herodes que tinha sido enganado pelos magos, ficou muito irado e mandou massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo exato que havia indagado dos magos. Cumriu-se, então, o que foi dito pelo profeta Jeremias: Em Ramá se ouviu uma voz, choro e grandes lamentos: é Raquel a chorar seus filhos; não quer consolação, porque já não existem" (Mt 2,13-18).

O historiador judeu do século I d.C. Flávio Josefo narra no livro *História dos hebreus*, entre outras histórias, a ambição e o governo autoritário do rei Herodes.

Apesar da matança dos inocentes não ser citada em seu relato, encontram-se relatos de atos tão ou até mais cruéis do que esse praticado por este mesmo rei. Todos estes atos cruéis eram praticados para que ele pudesse continuar no poder.

Entretanto, é preciso salientar que atualmente tanto a autoridade de Flávio Josefo como também da própria *Bíblia* estão sendo abandonados e até ridicularizados pelas diversas teorias seculares, ateias e neopagãs da sociedade ocidental contemporânea.

A passagem bíblica da matança dos inocentes (Mt 2,13-18) é um texto que faz referência direta ao nascimento de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade, a virgindade de Maria, a gravidez e ao nascimento de um bebê, que é o próprio Cristo. Essa referência é justamente o conjunto de coisas que a sociedade



ocidental contemporânea rejeita. O atual modelo social rejeita a idéia de um Salvador para a humanidade – visto que atualmente o ser humano afirma que é capaz de se salvar por seus próprios méritos e qualidades –, a idéia da virgindade, da gravidez e do nascimento de um bebê.

Na tentativa de desqualificar esta passagem bíblica, de grande valor ético, histórico e filosófico, criam-se uma série de teorias que se auto-proclamam “científicas” e “verdadeiras”. Essas teorias se contrapõem ao texto bíblico, afirmando que este texto é “machista”, “baseado em mitos” e que “não apresenta nenhuma comprovação científica”.

Para tentar substituir e desacreditar essa passagem bíblica foram construídas ao longo do século XIX e principalmente do XX uma série de teorias. Não é intenção desse pequeno artigo apresentar detalhadamente todas essas teorias. Apenas será limitado a apresentação, de forma introdutória, de quatro dessas teorias:

1. A teoria que afirma que Maria era uma prostituta que saía com soldados do exército romano. Por essa teoria o chamado “verdadeiro cristianismo” – que seria diferente do cristianismo apresentado nos evangelhos e pela doutrina da Igreja – seria uma religião que incentivaria a prostituição e o aborto.

2. A teoria que afirma que Jesus era um sacerdote vindo da Pérsia ou de outra região do Oriente antigo e que toda a narração bíblica foi uma invenção dos cristãos.

3. A teoria que afirma que a matança dos inocentes foi uma invenção da Igreja na Idade Média para justificar o exercício do poder temporal.

4. A teoria que afirma que o verdadeiro Jesus teria sido abortado por Maria e que a figura que aparece na *Bíblia* seria uma criação mitológica da Igreja.

O problema de todas essas teorias é que nenhuma delas apresenta uma única comprovação histórica e científica. Essas teorias são fundamentadas apenas em meras hipóteses levantadas por pesquisadores ateus ou neopagãos. É interessante que com essas teorias a comunidade científica e acadêmica não fica cobrando comprovações científicas. Apesar delas não apresentarem nenhuma prova ou documento histórico que comprove suas afirmações. Tudo não passa de um grande *talvez*. Em grande medida essas teorias apenas reproduzem mitos e lendas construídos pelo próprio homem moderno. Mesmo assim essas absurdas teorias são estudadas nas escolas e universidades, apresentadas pela TV e nos demais veículos de comunicação.

Por que este texto bíblico (Mt 2,13-18), que tem valor histórico, não é aceito pela comunidade científica, pela escola e pela TV, mas as outras teorias, mesmo não tendo comprovação científica e histórica, são aceitas e ensinadas?

A grande resposta que se pode dá a essa pergunta é que a sociedade atual oficialmente rejeita a doutrina e os valores cristãos. Toda forma de manifestação do cristianismo é rejeitada de forma consciente e até autoritária.

E uma das formas de rejeição da doutrina e dos valores cristãos é a prática do aborto. O aborto é a atualização da matança dos inocentes realizada pelo rei Herodes.

Sobre essa questão o editorial do site *Nascer é um Direito*

(<http://www.fundadores.org.br/AbortoNao/>), de 28/12/2006, afirma: “Em nossos dias, assistimos a uma nova matança dos inocentes, desta vez - é triste reconhecê-lo - tantas e tantas vezes perpetrada pelas próprias mães desnaturadas! De fato, em que consiste o aborto voluntariamente provocado? Consiste, pura e simplesmente, no assassinato do filho pela própria mãe. O feto, ou seja, o ser humano desde o momento da concepção até o do nascimento, é um ser distinto de sua mãe. Eliminar o embrião, seja em que fase for de seu desenvolvimento, é um assassinato que viola os direitos humanos”. (Disponível em

<http://www.fundadores.org.br/AbortoNao/principal.asp?IdTexto=815&pag=1&categ=1>. Acessado em 10/03/2008.).

Sobre a questão do aborto ser a atualização da matança dos inocentes o filósofo Plínio Corrêa de Oliveira, em 1940, já ressaltava: “Nosso século [o século XX] conheceu um mal mais atroz. Já não é o soldado cruel que invade o lar, arranca ao colo materno a criança inocente e, ferindo-a, fere a mãe com uma seta moral mil vezes mais cruel do que o gládio de aço. O que hoje se vê é o egoísmo germinando no próprio coração materno, levando a mãe a desejar estancar, com o concurso da ciência, a própria fonte da vida. A espada foi substituída pela ciência, e o soldado pela mãe, que não apenas elimina a vida, mas a evita” (Fonte: OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. A matança de inocentes em nossos dias. IN: *Legionário*, n 414, 18/08/1940).

O Pe. Werenfried Van Straaten – fundador da obra eclesial *Ajuda à Igreja que sofre* – durante o congresso Teológico-Pastoral do II Encontro do Santo Padre com as Famílias em 1997 afirmou que “[...] o nome de Herodes é maldito até hoje. Mas em nossa época não há necessidade de um Herodes para ser assassino de inocentes. Hoje, pode-se encontrar médicos que fazem esses massacres por um punhado de moedas [dinheiro]. Muitas cidades têm clínicas de assassinato [aborto], marcadas pelo sangue inocente destes bebês, cujas vidas lhes foram negadas porque seus pais se sentiram ameaçados em seus solitários tronos de egoísmo, tal como Herodes também se sentiu ameaçado em seu trono de Tetrarca da Galiléia. Herodes vive ainda nos milhares de infanticidas, cujos nomes, como o dele, serão malditos por toda a eternidade” (Fonte: STRAATEN, Pe. Werenfried Van. *O novo massacre dos inocentes*. Disponível em

[http://www.providafamilia.org.br/site/secoes\\_detalhes.php?sc=90&id=91](http://www.providafamilia.org.br/site/secoes_detalhes.php?sc=90&id=91).

Acessado em 10/03/2008.).

Como se pode ver no século I d.C. o rei da Judéia, Herodes, mandou matar todas as crianças de 0 a 2 anos de idade para garantir que o poder não fosse concedido ao Salvador, Jesus Cristo. A atitude de Herodes foi arrogante e egoísta. Ele pensou apenas em si mesmo. Não viu os benefícios que a vinda do Salvador

traria para a Judéia e para toda a humanidade. O mesmo acontece atualmente. A sociedade não deseja o casamento, a gravidez e o nascimento dos bebês. O nascimento de um filho é visto de forma negativa. Constantemente é afirmado expressões, tais como: “ter filhos faz a mulher engordar e ficar feia”, “ter filhos dá prejuízo financeiro”, “ter filhos acaba com a felicidade”, “ter filhos impede o desenvolvimento do ser humano”. Entretanto, essas e outras expressões apenas demonstram o egoísmo do homem moderno que prefere gastar dinheiro com qualquer futilidade e modismo, menos com a criação dos seus próprios filhos.

Infelizmente, é preciso constatar que passados tantos séculos após a matança dos inocentes a atitude egoísta do rei Herodes continua sendo apreciada e praticada por uma grande variedade de pessoas que, assim como Herodes, não desejam abrir mão de sua vida de conforto e comodismo. Estas pessoas não desejam ter filhos e em nome dessa atitude egoísta cometem o ato mais extremo que um ser humano pode praticar, ou seja, matar o feto, o bebê ainda no ventre da mãe.

## **A teologia da libertação e o aborto**

“A teologia da libertação não entra em nenhum esquema de heresia até hoje existente [...] ela é a negação radical do Cristianismo” (Cardeal Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI).

Atualmente o Brasil e o mundo vivem uma nova onda de manifestações e pressões políticas, econômicas e midiáticas para a legalização do aborto. Como sempre a Igreja Católica, fiel aos ensinamentos de Jesus Cristo e a tradição herdada diretamente dos apóstolos, se posiciona totalmente contrária à legalização do aborto. O motivo dessa posição é simples: o aborto é uma forma direta de ferir e de negar o direito fundamental a vida. Direito este concedido por Deus a sua imagem e semelhança, ou seja, ao ser humano.

Entretanto, a grande maioria da militância e dos partidários da ideologia do aborto afirmam serem seguidores da teologia da libertação, mais conhecida pela sigla TL.

Esses militantes e partidários dessa ideologia afirmam que a defesa e a prática do aborto são filosoficamente e teologicamente fundamentados pela TL. Essa afirmação é realizada apesar desses militantes e partidários da referida ideologia serem oficialmente ateus ou adeptos de alguma prática religiosa neopagã, nunca terem entrado em um templo católico, não terem tido, ao longo da vida, qualquer ato de piedade cristã ou participado de qualquer cerimônia religiosa católica.

Parece que há uma contradição interna dentro da Igreja. De um lado, há o magistério e a doutrina cristã que condenam o aborto como assassinato e pecado contra Deus e a santidade da vida. Do outro lado, há a teologia da libertação que,

segundo os militantes e partidários da ideologia do aborto, é uma expressão teológica que da sustentação a qualquer defesa e prática do aborto.

É justamente pelo fato de haver essa contradição aparente – e é preciso reafirmar que a contradição é apenas aparente – que é necessário esclarecer o que é a Teologia da Libertação (TL) e suas respectivas relações com o aborto.

### **1. Origem da expressão “Teologia da Libertação (TL)”**

Segundo o artigo de Alberto Methol Ferre (apud AQUINO, 2003, p. 102-104), publicado originalmente no número especial dedicação a teologia da libertação da revista italiana *30 Giorni*, a TL se baseia sobre dois conceitos chaves: pobres e libertação.

De acordo com Alberto Methol Ferre aos 12/09/1962, um mês antes de abrir o Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII afirmou: “diante dos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta como é e como quer ser: a Igreja de todos e, especialmente, a Igreja dos pobres”. Estas palavras tiveram ampla repercussão, desencadeando uma série de estudos sobre a pobreza no mundo e o desafio que ela apresenta ao cristianismo.

Quando a palavra “libertação”, utilizada pela resistência francesa que se opunha aos ocupantes nacional-socialistas durante a segunda guerra mundial (1939-1945), entrou no vocabulário oficial da Igreja em fevereiro de 1967, foi assumida pelo CELAM no Documento de Buga (Colômbia) relativo às universidades católicas em fevereiro de 1967. De Buga passou para o Documento de Medellín (1968). Em novembro de 1969, o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez proferiu uma conferência sobre o tema “Notas para uma teologia da libertação”, nascia assim a expressão “Teologia da Libertação”, dotada imediatamente de grande voga e eloquência.

De acordo com a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* publicada em 06/08/1984 pela Congregação para a Doutrina da Fé, órgão da Igreja Católica responsável em corrigir e retirar dúvidas sobre a fé e a doutrina cristã e manter o depósito vivo da fé revelada aos homens por Deus por meio do seu único filho, Jesus Cristo Salvador, há dois grandes fatores que motivaram o surgimento da TL, sendo eles:

1. As desigualdades sociais. Sobre este fator o referido documento afirma: “O escândalo das gritantes desigualdades entre ricos e pobres – quer se trate de desigualdades entre países ricos e países pobres, ou de desigualdades entre camadas sociais dentro de um mesmo território nacional – já não é tolerado. De um lado, atingi-se uma abundância jamais vista até agora, que favorece o desperdício, e, de outro lado, vive-se ainda numa situação de indignidade, marcada pela privação dos bens de primeira necessidade, de modo que já não se conta mais o número das vítimas da subnutrição” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, I, 6).

2. O novo colonialismo. Sobre este fator o citado documento afirma: “Em certas regiões da América Latina, a monopolização de grande parte das riquezas por uma oligarquia de proprietários desprovidos de consciência social, a quase

ausência ou as carências do estado de direito, as ditaduras militares que ocultam os direitos elementares do homem, o abuso do poder por parte dos dirigentes, as manobras selvagens de um certo capital estrangeiro, constituem outros tantos fatores que alimentam um violento sentimento de revolta junto àqueles que, deste modo, se consideram vítimas impotentes de um novo colonialismo de cunho tecnológico, financeiro, monetário ou econômico” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, VII, 12*).

## **2. O que realmente é a Teologia da Libertação (TL)**

De forma introdutória pode-se afirmar que a TL é resultado de dois grandes fenômenos sociais da modernidade.

O primeiro fenômeno é o secularismo. Este fenômeno cultural afirma que Deus não existe e que o ser humano deve e de fato constrói sua felicidade na própria realidade sem, portanto, haver um paraíso a ser conquistado e o pecado a ser superado e destruído.

Dessa forma, a ênfase da vida humana recai sobre a política. Sobre essa questão a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação” (X, 7)* afirma:

“Privilegiar deste modo a dimensão política, é o mesmo que ser levado a negar a radical novidade do Novo Testamento e, antes de tudo, a desconhecer a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, bem como o caráter específico da libertação que ele nos traz e que é fundamentalmente libertação do pecado, fonte de todos os males”.

É preciso ressaltar que uma das conseqüências do secularismo foi à criação da chamada *teologia da morte de Deus*. De origem protestante essa “teologia” afirma que como Deus não existe ou se existe o ser humano pode viver perfeitamente sem ele, resta à teologia apenas discutir e debater questões puramente humanas como, por exemplo, a política e os problemas sociais. Em grande medida, a teologia da libertação é a versão católica da teologia da morte de Deus protestante.

O segundo fenômeno é o marxismo. Sobre o marxismo a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação” (VII, 9)* afirma: “Lembremos que o ateísmo e a negação da pessoa humana, de sua liberdade e de seus direitos, encontram-se no centro Aborto: da concepção marxista. Esta contém de fato erros que ameaçam diretamente as verdades da fé sobre o destino eterno das pessoas. Ainda mais: querer integrar na teologia uma ‘análise’ cujos critérios de interpretação dependam desta concepção atéia, significa embrenhar-se em desastrosas contradições”.

O filósofo marxista Michael Löwy, no livro *Marxismo e teologia da libertação* (1991, p. 27) afirma que a TL faz “a utilização do instrumental marxista para compreender as causas da pobreza, as contradições do capitalismo e as formas da luta de classes”. Já a *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* afirma que o argumento central do marxismo é a “luta de classes” (VIII,

5) e que devido a este argumento “a lei fundamental da luta de classes tem um caráter de globalidade e de universalidade. Ela se reflete em todos os domínios da existência, religiosa, éticos, culturais e institucionais. Em relação a esta lei, nenhum destes domínios é autônomo.

Em cada um esta lei constitui o elemento determinante” (VIII, 8). A consequência disso é que “o caráter transcendente da distinção entre o bem e o mal, princípio da moralidade, encontra-se implicitamente negado na ótica da luta de classes” (VIII, 9) e a “nova hermenêutica [a interpretação da Bíblia] conduz a uma releitura essencialmente política da Escritura” (X, 5) e não mais a leitura de redenção total do ser humano que tradicionalmente a Igreja apresenta a humanidade.

A consequência desses dos fenômenos culturais é que a TL ao invés de fazer teologia, no sentido cristão do termo, termina fazendo uma sociologia e uma análise política dos problemas sociais. É preciso ressaltar que a sociologia e a análise política da TL são fundamentadas no ateísmo oriundo do secularismo e do marxismo. Um bom exemplo disso é o livro *Igreja, carisma e poder* (1982) escrito por um dos expoentes máximos da TL, o ex-frei Leonardo Boff. Neste livro, Boff afirma que a Igreja não passa de um “aparelho ideológico a serviço das classes dominantes”, os profetas, os apóstolos, os santos e o Papa são historicamente apenas “instrumentos de dominação machista sobre os pobres” e a verdadeira luta do cristão não é contra o demônio e o pecado, mas “contra as classes dominantes que oprimem o povo”.

Um dos representantes mais conhecidos da teologia da libertação, o frade dominicano brasileiro Alberto Libanio Christo, mais conhecido como Frei Betto afirma, no artigo intitulado *Marxismo na teologia*, que “o que propomos [os militantes da TL] não é teologia dentro do marxismo, mas marxismo dentro da teologia” (*Jornal do Brasil*, 06/04/1980), ou seja, o que a TL deseja não é a conversão do ateísmo marxista a fé cristã, mas o contrário: a conversão da fé cristã ao ateísmo marxista. Leonardo Boff, numa entrevista concedida à Radiobras em 01/12/2003, complementa a afirmação do Frei Beto afirmando: “É uma teologia que faz sentido, que ajuda a criar uma visão das coisas, não necessariamente cristã, porque nós não estamos interessados em que haja mais cristãos, estamos interessados em que haja mais cidadãos participativos, sensíveis, justos, lutadores pela libertação dos seres humanos, e o cristianismo como uma fonte geradora de pessoas assim” (Grifo nosso).

Sobre o que de fato é a TL Antonio Emílio A. de Araújo, no artigo *Cardeal e*

*Papa condenam a Teologia da Libertação* (16/02/2008) afirma: “Matar Deus e reduzir a esperança bíblica à mera esperança do reino do homem: essas são as características principais da Teologia da Libertação”.

Segundo Dom Fernando Áreas Rifan, no artigo intitulado *Teologia da Libertação* (23/05/2007), a “Teologia da Libertação surgiu como reação às escravidões sociais e econômicas, que todos lamentamos, mas enfatizando demasiadamente a linha social em detrimento da espiritual, tentando reduzir o

Evangelho da salvação a um evangelho terrestre e, pior, dentro de uma análise marxista, com rejeição da doutrina social da Igreja. Daí partem para uma releitura essencialmente política da Sagrada Escritura, baseada no racionalismo e no modernismo. Na verdade, o Evangelho de Jesus Cristo é mensagem de liberdade e força de libertação. Mas a libertação é antes de tudo e principalmente libertação da escravidão radical do pecado. Seu objetivo e seu termo é a liberdade dos filhos de Deus, que é dom da graça divina. Ela exige, por uma conseqüência lógica, a libertação de muitas outras escravidões de ordem cultural, econômica, social e política, que, em última análise, derivam todas do pecado e constituem outros tantos obstáculos que impedem os homens de viverem segundo a própria dignidade”.

A conseqüência disso é que o “conceito evangélico de pobreza não se refere à carência de bens materiais, mas à humildade como qualidade espiritual. Cristo fala ‘aos pobres em espírito’ em outra dimensão do ser humano, ignorada ou menosprezada pelos materialistas. O contrário do pobre, nessa dimensão, não é o rico em bens materiais, mas o soberbo que, com base na riqueza material ou no poder, deprecia os demais e pensa que não necessita de Deus e da religião” (KIRK, PAZOS, 12/02/2008.).

Na encíclica *Spe Salvi*, publicada em 30/11/2006, o Papa Bento XVI é incisivo, da mesma forma como foi quando era apenas o simples cardeal Joseph Ratzinger. Já no item 4 da referida encíclica, cujo assunto é a esperança cristã verdadeira, ele não deixa dúvidas sobre o magistério da Igreja: “O cristianismo não tinha trazido uma mensagem sócio-revolucionária semelhante à de Espártaco [revolucionário do antigo Império romano], que tinha fracassado após lutas cruentas. Jesus não era Espártaco, não era um guerreiro em luta por uma libertação política, como Barrabás ou Bar-Kochba. Aquilo que Jesus – Ele mesmo, morto na cruz – tinha trazido era algo de totalmente distinto: o encontro com o Senhor de todos os senhores, o encontro com o Deus vivo e, deste modo, o encontro com uma esperança que era mais forte do que os sofrimentos da escravatura e, por isso mesmo, transformava a partir de dentro a vida e o mundo. [...]

Em virtude do Batismo, [os cristãos] tinham sido regenerados, tinham bebido do mesmo Espírito e recebiam conjuntamente, um ao lado do outro, o Corpo do Senhor. Apesar de as estruturas externas permanecerem as mesmas, isto transformava a sociedade a partir de dentro. Se a Carta aos Hebreus diz que os cristãos não têm aqui neste mundo uma morada permanente, mas procuram a futura (cf. Hb 11, 13-14; Fl 3,20), isto não significa de modo algum adiar para uma perspectiva futura: a sociedade presente é reconhecida pelos cristãos como uma sociedade imprópria; eles pertencem a uma sociedade nova, rumo à qual caminham e que, na sua peregrinação, é antecipada”. O Papa deixa claro que não será com violência ou revoluções armadas que será construído o reino de Deus. Este reino é edificado pela conversão, pela caridade e pelo perdão. Em síntese, os princípios seculares e marxistas defendidos pela TL estão totalmente errados.

O Papa Bento XVI, quando era apenas o simples cardeal Joseph Ratzinger, na didática apresentação da *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, intitulada *Eu vos explico a teologia da libertação* (1984) afirma que a TL “não entra em nenhum esquema de heresia até hoje existente” e que ela é a “negação radical do Cristianismo”. O Papa é muito claro e enfático: a Teologia da Libertação (TL) é uma heresia. A própria *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* deixa bem claro que os ensinamentos da TL “não são compatíveis com a concepção cristã do homem e da sociedade” (VII, 8, VIII, 1).

O historiador da Igreja Daniel Rops afirma que todo século tem sua heresia, ou seja, a cada século surge uma teoria, uma escola de pensamento, que defende e procura propagar idéias e valores diferentes daqueles que foram ensinados por Jesus Cristo, pregados pelos apóstolos e missionários e transmitidos pelo magistério e pela doutrina da Igreja. É como se a cada século o demônio criasse uma teoria nova tentando, dessa forma, impedir a ação salvadora de Jesus Cristo e da sua esposa, a Igreja. A teologia da libertação foi à heresia do século XX que, como bem afirmou o então Cardeal Joseph Ratzinger, “deseja negar o cristianismo”.

Enquanto heresia, ou seja, negação consciente da doutrina e da fé professada pela Igreja, a TL pode ser resumida em seis pontos, sendo eles:

1. A TL é uma “negação da fé da Igreja” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, X, 9). E entenda-se a expressão *fé da Igreja* no sentido da salvação por meio de Jesus Cristo, a santificação do corpo, a valorização da virgindade, da qual a Virgem Maria é o modelo a ser seguido, o casamento, a valorização da vida, principalmente da vida mais frágil, ou seja, o feto ainda no ventre da mãe e todo o resto da doutrina da Igreja.

2. Devido a influência negativa do marxismo e da teoria da luta de classes, a TL “adia para amanhã a evangelização” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, VI, 3) e, com isso, não cumpre o mandato do próprio Cristo, quando determinou aos seus discípulos que deveriam “ensinar a todas as nações, batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt, 28, 19).

3. De acordo com o teólogo Georges Cottier (apud AQUINO, 2003, p. 111) na perspectiva da TL o “reino de Deus é secularizado, isto é, despojado de seus valores e de suas manifestações explicitamente religiosas, para coincidir com o reino do homem na terra. A escatologia cristã é transformada em escatologia terrestre sócio-políticoeconômica; a expectativa da consumada vitória de Cristo sobre o pecado e a morte no fim dos tempos é substituída pela de uma ordem sócio-econômica em que todas as aspirações do homem encontram sua resposta”.

4. Na leitura social da TL passa a existir uma confusão muito perigosa “entre o pobre da Escritura e o proletariado de Marx [filósofo ateu que dá sustentação teórica a TL]. Perverte-se deste modo o sentido cristão do pobre e o combate pelos direitos dos pobres transforma-se, em combate de classes na



perspectiva ideológica da luta de classes” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, IX, 10*).

5. A “doutrina social da Igreja é rejeitada” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, X, 4*) pela TL. A preocupação e a ação social da Igreja tiveram início quando o próprio Cristo multiplicou os pães e saciou a fome de uma multidão. Ao longo dos séculos inúmeras ações de cunho social foram realizadas pela Igreja. Ela foi e continua sendo uma das instituições sociais que mais investiram no campo da ação social em toda a humanidade. Na modernidade, com o aumento dos problemas e tensões sociais, a Igreja redobrou suas ações. As encíclicas *Rerum Novarum* do Papa Leão XII e *Laborem Exercens* do Papa João Paulo II são pequenos exemplos do ardor e da fidelidade social que a Igreja possui a Jesus Cristo. Entretanto, todo este ardor e fidelidade são rejeitados pela teologia da libertação. Para a TL somente a teoria marxista da luta de classes tem valor social.

6. Por fim, a própria TL coloca em “xeque a estrutura sacramental e hierárquica da Igreja, tal como a quis o próprio Senhor [Jesus Cristo]” (*Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, IX, 13*). Para a TL a Igreja não é o corpo místico de Cristo e sua respectiva esposa, mas apenas uma estrutura política superada e aliada de grupos econômicos opressores de camadas sociais empobrecidas. Nessa perspectiva, a Igreja não é o santuário por meio do qual Cristo santifica os pecadores, mas apenas uma estrutura patriarcal conservadora.

### **3. O real objetivo da Teologia da Libertação (TL)**

Aparentemente, o discurso da TL é muito belo e confiável. Fala-se em superação da pobreza e de estruturas sociais escravizadoras. Entretanto, uma análise mais criteriosa dos argumentos e das estratégias políticas da TL desmente esse discurso.

De acordo com o teólogo Georges Cottier (apud AQUINO, 2003, p. 111) o real objetivo da teologia da libertação é a implantação da revolução marxista e socialista.

Segundo este pensador, “o objetivo da revolução é derrubar o sistema capitalista e instaurar o socialismo marxista. O vocábulo ‘socialismo’ ocorre nos escritos da TL, mas com certa imprecisão. O socialismo marxista, na verdade, está inseparavelmente conjugado com totalitarismo [autoritarismo]; sim, de modo geral, nos países em que o marxismo toma o poder, instaura o regime de partido único; este, afirmando agir em nome do proletariado, institui uma ditadura totalitária e atéia que não respeita os direitos da pessoa humana. A TL se fecha no silêncio a respeito do totalitarismo e dos métodos de violência que ele aplica às populações dominadas”.

A TL quer implantar a ditadura socialista, mas nunca se importou com as atrocidades praticadas por esse regime político, inclusive atrocidades contra os próprios cristãos. Sobre este assunto o filósofo Olavo de Carvalho, no artigo *Monstros* (Jornal do Brasil, 28/02/2008) afirma que a TL não se importa com “[...] a matança de 75 milhões de civis chineses pela ditadura de Mao Dzedong, de 20

milhões de russos pelo governo soviético ou de 3 milhões de cambojanos pela quadrilha de Pol-Pot [líder da guerrilha socialista no Camboja]”. Além disso, não é possível esquecer a ditadura socialista de Fidel Castro em Cuba, que recentemente passou o poder para as mãos de seu irmão Raul Castro. Essa ditadura matou aproximadamente 16.000 cubanos só porque discordavam da ideologia socialista de Fidel Castro e condenou o resto da população a morrer de fome e doenças. Entretanto, nada disso é discutido e denunciado pela teologia da libertação. Na prática a TL não passa de uma heresia a serviço do autoritarismo socialista e marxista. Ela não tem realmente postura crítica para perceber as diversas formas de escravidão que assolam o ser humano. Formas essas que se iniciam com o pecado e culminam com as ditaduras políticas que a própria TL deseja implantar.

Um exemplo absurdo da falta de postura crítica frente às escravidões vividas pelo ser humano é a guerrilha marxista implantada desde a década de 1960 na Colômbia.

Nesta época formaram-se vários grupos guerrilheiros, todos de inspiração marxista. Entre estes grupos um dos mais atuantes e violentos são as FARC (Forças Revolucionárias da Colômbia). Desde a década de 1960 as FARC já mataram mais de 30.000 pessoas inocentes. Entre seus métodos violentos estão o seqüestro, a tortura e o fuzilamento de pessoas inocentes sem qualquer julgamento. Atualmente calcula-se que as FARC tenham entre 600 a 800 pessoas seqüestradas. Muitas dessas pessoas estão seqüestradas a vários anos. Algumas delas a décadas. Recentemente foi lançado o livro *Cartas à mãe. Direto do inferno* (2008) contendo cartas de seqüestrados pelas FARC. São relatos aterrorizantes escritos por Ingrid Betancurt, ex-candidata à presidência da Colômbia que está seqüestrada a mais de seis anos, e outros prisioneiros civis das FARC. Vejamos um pequeno trecho desse livro.

Sinto que meus filhos levam uma vida em suspenso na expectativa da minha libertação, e o seu sofrimento diário, o de todo mundo, faz com que a morte me pareça uma opção amena. [...]. Estou cansada de sofrer, de carregar essa dor comigo todos os dias, de mentir para mim mesma achando que tudo vai terminar e constatar que cada dia equivale ao inferno do dia anterior. [...]. Vou mal fisicamente. Parei de comer, perdi o apetite, meus cabelos caem copiosamente. Não tenho vontade de nada. Acho que a única coisa boa é isto: não ter vontade de nada. [...] a vida aqui não é a vida, é um desperdício lúgubre do tempo. [...] Aqui nada é seu, nada dura, a incerteza e a precariedade são a única constante. (BETANCURT, 2008, p. 17-25).

Qualquer pessoa normal ao ler este livro e o relato acima citado ficará chocada pelos métodos cruéis de implantação do regime socialista pelas FARC. Entretanto, só quem não fica chocado são os militantes da TL, justamente porque a TL apóia abertamente as FARC. Vários militantes da TL entraram para as FARC, inclusive praticando todos os atos de violência condenados pela doutrina cristã, mas infelizmente recomendados e praticados pela guerrilha marxista. Um grande militante das FARC é o ex-padre Pedro Medina (apud CABRAL, *Veja*,

13/02/1008), que atualmente vive no Brasil na condição de refugiado político. Este ex-religioso assume publicamente que participou de assaltos e seqüestros. Todas essas ações foram praticadas em nome da implantação da ditadura socialista na Colômbia.

De acordo com o Cardeal Agnelo Rossi, no artigo *Verdades, erros e perigos da teologia da libertação*, publicado originalmente em 19/03/1985, outro objetivo da TL é realizar a “deformação pessoal” (apud AQUINO, 2003, p. 96) e, por conseguinte, a lavagem cerebral. Para o Cardeal Rossi a TL ao invés de ser um instrumento de libertação é um técnica de imposição de uma teoria política autoritária e anticristã, ou seja, o socialismo. Neste sentido, a palavra “libertação” que aparece na expressão “teologia da libertação” é enganosa. O próprio cardeal deixa claro que os modelos que a TL procura seguir não são Jesus Cristo, a Virgem Maria, os apóstolos, especialmente Pedro e Paulo, os santos e o Papa. Pelo contrário, os modelos propostos pela TL são Camilo Torres e Che Guevara.

Che Guevara é um conhecido líder guerrilheiro morto nas selvas da Bolívia na década de 1960. Juntamente com Fidel Castro liderou a revolução que implantou a ditadura socialista em Cuba em 1959. Ele jurou perseguir e, se pudesse, destruir a Igreja. Sempre que os grupos guerrilheiros que estavam sob a orientação de Che Guevara tomavam uma cidade ou vilarejo uma das primeiras medidas era simplesmente fuzilar o(s) padre(s) e todos(as) os(as) demais religiosos(as) que estivessem presentes.

Como se pode perceber as ações e a pregação de Che Guevara não são compatíveis com o cristianismo.

Já Camilo Torres é um ex-padre que abandonou a vida religiosa é juntamente com outros partidários da ditadura socialista criou, no início da década de 1960, na Colômbia o ELN (Exército de Libertação Nacional). O ELN é uma guerrilha socialista que utiliza os mesmos métodos autoritários, sanguinários e anticristãos das FARC. Antes de abandonar o exercício sacerdotal Camilo Torres celebrava missas vestido com o uniforme da guerrilha do ELN e ao invés de colocar no altar o pão e o vinho que seriam transformados no corpo e no sangue de Jesus Cristo, ele colocava no altar fuzis e metralhadoras. Este guerrilheiro foi morto no dia 16/02/1966 durante um combate entre o ELN e o exército da Colômbia.

O problema é que Che Guevara e Camilo Torres inspiraram e, infelizmente, continuam a inspirar os militantes da TL. Um exemplo dessa inspiração encontra-se no livro *Orvil. As tentativas de tomada do poder* (1985, especialmente p. 244-246, 281- 283, 330-332). Este livro é um gigantesco relatório, com aproximadamente mil páginas, escrito originalmente em 1985 pela extinta Seção de Informações do Centro de Informações do Exército (CIE), atual Divisão de Inteligência do Centro de Inteligência do Exército. Neste relatório encontram-se dezenas de casos de envolvimento de padres e religiosos militantes da TL em assaltos, seqüestros e até mesmo em assassinatos. Entre estes padres e religiosos citam-se: Frei Osvaldo, Frei Ivo, Frei Bernardo Catão, Frei Giorgio

Calegari, Frei João Antonio de Caldas Valença, Frei Roberto Romano, Frei Tito de Alencar Lima, Padre Veríssimo, Padre Manoel Vasconcellos Valiente, Padre Marcelo Pinto Carvalheira, e o ex-seminarista Francisco Castro.

Outro seguidor de Camilo Torres é o ex-padre católico e militante da TL Alípio de Freitas, que fez um curso para implantação da guerrilha na América Latina em Cuba em 1965 e, neste período, era líder da facção terrorista Ação Popular, mais conhecida pela sigla AP, um organismo ligado ao Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Seu grande feito não foi pregar o evangelho e converter os ateus e infiéis à fé católica, mas organizar um atentado a bomba, em 25/07/1966, no Aeroporto dos Guararapes, em Recife, contra o então candidato à presidência da república, o general Costa e Silva. Neste atentado morreram o jornalista Edson Régis de Carvalho e o almirante da marinha brasileira Nelson Gomes Fernandes. Além das duas vítimas fatais ficaram feridas 13 pessoas, entre elas o então coronel do exército Sylvio Ferreira da Silva que, além de fraturas expostas, teve quatro dedos amputados da mão esquerda e Sebastião Tomaz de Aquino, mais conhecido como Paraíba, guarda civil da cidade de Recife, que teve a perna direita amputada.

Como se pode concluir por tudo que já foi exposto o real objetivo da teologia da libertação não é a pregação do evangelho, a santificação da família e dos pecadores e o triunfo de Jesus Cristo e, por conseguinte, da Igreja sobre a morte, mas a negação da fé cristã e da doutrina da Igreja. A TL objetiva implantar na América Latina e no mundo uma ditadura ateia. Ditadura que será fundamentada pelo secularismo e pelo marxismo.

Como bem salienta o Cardeal Agnelo Ross, ao analisar a TL no artigo *Verdades, erros e perigos da teologia da libertação*, a “estrada escolhida por muitos liberacionistas é perigosa e errada e até pode ser fatal para a fé cristã e a humanidade” (apud AQUINO, 2003, p. 71).

#### **4. As conseqüências da Teologia da Libertação (TL)**

Como afirmou Jesus Cristo “uma árvore se conhece pelos seus frutos”, a árvore boa dará frutos bons e doces, já a árvore má dará frutos ruins e amargos. Partindo dessa afirmação do Salvador da humanidade serão apresentadas sinteticamente as conseqüências, ou seja, os frutos ruins e amargos oriundos da TL. Essa apresentação será dividida em seis pontos.

1. Nas comunidades onde a TL foi implantada a fé e a prática das virtudes e ações cristãs caiu de forma acentuada. Como a TL não quer converter e nem libertar as pessoas do pecado, só resta-lhe fazer uma pregação vazia sobre as injustiças sociais. Este fato tem como conseqüência a perda da fé por parte das comunidades.

2. Como a TL é adepta de métodos violentos para a implantação da ditadura socialista, a conseqüência é que nas comunidades controladas por ela há um aumento da violência. A comunidade ao invés de se ver liberta do pecado e de outras formas de escravidão é presa numa rede de violência e opressão social.

3. Nos seminários católicos controlados pela TL houve uma brutal redução no número de ordenações sacerdotais. Seminários que antes de serem controlados pela TL ordenavam uma média de 10 padres por ano passaram a ordenar apenas um padre a cada 2 ou 3 anos. Está redução é fruto do secularismo e do ateísmo que impregnam a TL.

4. Houve por parte dos militantes da TL um grande abandono da fé e das virtudes cristãs. Devido o secularismo e o ateísmo que impregnam a TL estes militantes abandonaram o cristianismo, a religião da Salvação e da Redenção dos pecados, para ingressar em alguma forma moderna de paganismo.

5. Em 1990 um militante da teologia da libertação, o ex-padre Jean Bertrand Aristide, mais conhecido como Padre Aristide, foi eleito presidente do Haiti. Nesta época a eleição de Aristide foi apontada pela esquerda como sendo uma vitória e, ao mesmo tempo, um exemplo do que a TL poderá fazer na América Latina. Aristide procurou implantar no Haiti a cartilha política da TL. Entre as suas medidas políticas e administrativas encontram-se: dissolveu a polícia e as forças armadas, incentivou a criação de milícias armadas dentro da população, incentivou a invasão, o confisco e a destruição da propriedade e de empresas privadas. A consequência do governo de Aristide foi terrível. O Haiti passou a ser dominado por milícias armadas, pelo tráfico de drogas e pelo crime organizado. Como a polícia e as forças armadas tinham sido dissolvidas, o Estado não tinha condições de combater o crime e reinstaurar à ordem social. Na prática o Haiti foi o primeiro país do mundo a ser governado pelo crime organizado. No governo de Aristide o Haiti mergulhou numa crise econômica profunda e a população amargou uma brutal falta de alimentos e demais gêneros necessários a sobrevivência humana. Por fim, o país mergulhou na mais total anarquia política e administrativa. Para reinstaurar à ordem social foi necessária a intervenção da ONU (Organização das Nações Unidas) que até o presente momento administra o país. Como se pode ver, se a eleição do militante da TL em 1990, o ex-padre Jean Bertrand Aristide, representa um exemplo do que a TL poderá fazer na América Latina, então o futuro desse continente será o pior futuro que a teoria e a filosofia política poderão descrever.

6. A defesa do aborto. Como a TL não acredita e não segue a doutrina cristã, todos os valores dessa doutrina são esquecidos e negados, inclusive a defesa da vida mais frágil, ou seja, a vida do feto ainda no ventre da mãe. Como afirma o pensador Percival Puggina, no artigo *O aborto e seus sofismas* (05/12/2005): “bispos e padres de esquerda [seguidores da TL] tinham e têm como coisa reprovável ser católico e não apoiar as tropelias das invasões de propriedades e da destruição dos bens alheios. Consideravam e consideram incompatível o cristianismo com qualquer concepção não socialista e não coletivista da sociedade. Para eles, a filiação a um partido mais ou menos comunista constituía e constitui o melhor dos sacramentos, e a tal filiação atribuem valor superior ao de qualquer outra via de participação na vida da Igreja. Durante décadas confundiram amor aos pobres com ódio aos ricos. Plantaram Lula [o atual presidente da república do Brasil], o PT [partido do presidente que deseja de

qualquer forma legalizar o aborto], a esquerda e o socialismo. Foram disciplinados companheiros de viagem. Hoje, colhem escândalos, rejeição, [...] e propostas de liberação do aborto. (Grifo nosso.).

## **5. A doutrina da Igreja sobre o aborto**

Será apresentada sinteticamente a doutrina da Igreja sobre o aborto em quatro pontos.

1. A Igreja é contrária a despenalização do aborto apoiando-se no princípio de que não se pode legalizar algo que é ilegítimo e imoral, ou seja, a supressão voluntária de uma vida humana. A discussão realizada pela Igreja é essencialmente ética e visa defender o ser humano de todas as formas de violência. Ora, se é possível matar o bebê ainda no ventre da mãe, então será possível e até mesmo permitido realizar qualquer ato violento contra o próprio ser humano.

2. A prática do aborto fere, de forma grave, o quinto mandamento da lei de Deus que afirma “Não matarás” (Ex 20, 13). Sobre este mandamento o *Catecismo da Igreja Católica* (n 2258) afirma: “A vida humana é sagrada porque desde sua origem [desde a concepção] ela encerra a ação criadora de Deus e permanece para sempre numa relação especial com o Criador, seu único fim, ninguém, em nenhuma circunstância, pode reivindicar para si o direito de destruir diretamente um ser humano inocente”.

3. Sobre o aborto o *Catecismo da Igreja Católica* afirma: “A vida humana deve ser respeitada e protegida de maneira absoluta a partir do momento da concepção.

Desde o primeiro momento de sua existência, o ser humano deve ver reconhecidos os seus direitos de pessoa, entre os quais o direito inviolável de todo ser inocente à vida” (n 2270. Além disso, deixa bem claro que “desde o século I, a Igreja afirmou a maldade moral de todo aborto provocado. Este ensinamento não mudou. Continua invariável. O aborto direto, quer dizer, querido como um fim ou como um meio, é gravemente contrário a lei moral” (n 2271). Por fim, determina que o feto “deve ser tratado como uma pessoa desde a concepção, o embrião deverá ser defendido em sua integridade, cuidado e curado, na medida do possível, como qualquer ser humano” (n 2273).

4. O *Código de Direito Canônico*, lei que regulamenta juridicamente a Igreja, determina que seja excomungado quem defende, pratica ou auxilia na prática do aborto (cânon 1398). A excomunhão se deve pela própria natureza e gravidade do delito, ou seja, do aborto (cânon 1314).

## **6. A Teologia da Libertação (TL) e o aborto**

A relação entre a TL e o aborto será sinteticamente apresentada em três argumentos.

1. A TL é francamente favorável ao aborto. Inclusive um dos “representantes mais conhecidos da teologia da libertação, o frade dominicano brasileiro Alberto Libanio

Christo, o Frei Betto, tem proposto legalizar o aborto na região e considera que a defesa da vida só teria sentido em um mundo ideal. Embora diga ser ‘contrário ao aborto, admito sua despenalização em certos casos e sou favorável ao mais amplo debate, pois se trata de um problema real e grave que afeta à vida de milhares de pessoas e deixa seqüelas físicas, psíquicas e morais’. Frei Betto, vinculado ao grupo de pressão de teólogos da libertação *Ameríndia*, sustenta contra os ensinamentos da Igreja que a oposição católica ao aborto ‘permanece aberta’ pois ‘ao longo da história a Igreja nunca chegou a uma postura unânime e definitiva’. Deixando de lado os ensinamentos do *Código de Direito Canônico*, o *Catecismo* da Igreja e a Encíclica *Evangelium Vitae*, o frade baseia suas afirmações nos textos de polêmicos teólogos e moralistas como Bernhard Haering e o bispo francês Duchene, desautorizados pela Santa Sé. (apud AQUINO, 12/03/2008.).

2. Um dos atuais líderes da TL, o ex-padre Fernando Altemeyer Júnior, mais conhecido como Altemeyer Júnior, ardoroso defensor do aborto, diferentemente do que tradicionalmente a Igreja defende, afirma que no tocante a doutrina sobre o aborto “o papa não é a Igreja, o papa espelha um catolicismo oficial, que representa apenas uns 10% dos católicos do mundo. É como se fosse à ponta de um icebergue, os outros 90% ficam debaixo de água”. (ALTEMEYER JÚNIOR, 12/04/2008). Para Altemeyer Júnior o Papa, o magistério e a doutrina da Igreja estão totalmente errados. Quem está correto é a sociedade secular e neopagã que defendem o aborto e todas as demais práticas de negação da vida e de escravidão do ser humano.

3. Um dos argumentos centrais da militância da TL para defender o aborto é afirmar que ao longo da história a Igreja nunca chegou a uma postura unânime e definitiva sobre o aborto. Portanto, é possível ser cristão e, ao mesmo tempo, defender o aborto. O problema é que a militância da TL faz essa afirmação a partir da interpretação atéia, marxista e secular do cristianismo. Uma interpretação anticristã que não encontra qualquer fundamentação bíblica. O *Catecismo da Igreja Católica* é muito claro quando afirma que “desde o século I, a Igreja afirmou a maldade moral de todo aborto provocado. Este ensinamento não mudou. Continua invariável. O aborto direto, quer dizer, querido como um fim ou como um meio, é gravemente contrário a lei moral” (n 2271, Grifo nosso). O pensador Felipe Aquino demonstra que desde o século I, com a *Didaqué*, o primeiro catecismo cristão redigido por volta do ano 90 d.C. “a Igreja tem a consciência de que o aborto é pecaminoso” (AQUINO, 2005, p. 74).

Diante da defesa do aborto realizada pela TL é preciso constatar, infelizmente, que a TL e, por conseguinte, seus militantes não são cristãos e nem muito menos seguem a doutrina do corpo místico de Jesus Cristo, ou seja, a Igreja. Seria muito mais honesto se os militantes da TL fossem a público e

declarassem que não são cristãos, não fazem parte da Igreja e são adeptos de práticas neopagãs e seculares como, por exemplo, o aborto.

Como afirmado no início desse artigo parece que há uma contradição interna dentro da Igreja. De um lado, há o magistério e a doutrina cristã que condenam o aborto como assassinato e pecado contra Deus e a santidade da vida. Do outro lado, há a teologia da libertação que, segundo os militantes e partidários da ideologia do aborto, é uma expressão teológica que da sustentação a qualquer defesa e prática do aborto.

Como ficou demonstrado ao longo desse artigo essa contradição é apenas aparente. A TL é uma heresia moderna e sua prática social não é compatível com os ensinamentos de Jesus Cristo e, por conseguinte, da Igreja. Sobre essa questão Miranda (1994, p. 159-160) afirma: “É difícil encontrar nos inúmeros escritos da teologia da libertação alguma indicação dos graves problemas enfrentados [...]. Parece que com relação a problemas como o aborto, a esterilização forçada, a difusão da mentalidade contraceptiva, etc, não há lugar na teologia, e não há necessidade de libertação”.

Diante da TL só é possível fazer o que o Papa Paulo VI recomendou na encíclica *Humanae Vitae* (n 28), ou seja, “expor sem ambigüidades a doutrina da Igreja sobre a vida”. E está doutrina é muito clara: é preciso ser contrário a toda forma e prática do aborto, justamente porque o aborto é o assassinato do feto, do bebê ainda no ventre da mãe.

Como bem salientou a *Declaración de los Andes* (n 16), documento emitido por um conjunto de bispo e teólogos católicos que se reuniram no Seminário de Estudos sobre a Teologia da Libertação no mês de julho de 1984 em Los Andes no Chile, uma “genuína teologia da libertação supõe a realidade da reconciliação do homem com Deus, consigo mesmo, com os outros e com todas as demais criaturas, como ensinam a exortação apostólica *Reconciliação e penitência* e todo o magistério dos Concílios e dos Papas. Nestas fontes encontramos um ensinamento claro a respeito dos conteúdos e valores da libertação frente às servidões que têm sua raiz no pecado, como também a respeito da libertação como plenitude do homem no encontro definitivo com Deus” (apud AQUINO, 2003, p. 127.).

Por fim, é preciso ressaltar a necessidade de defender a vida humana, principalmente a vida mais frágil, ou seja, o feto ainda no ventre da mãe. Dessa forma, se cumprirá a orientação dada pela *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”* (XI, 6) quando ressalta: “Uma defesa eficaz da justiça deve apoiar-se na verdade do homem, criado à imagem de Deus e chamado à graça da filiação divina. O reconhecimento da verdadeira relação do homem com Deus constitui o fundamento da justiça, enquanto regula as relações entre os homens. Esta é a razão pela qual o combate pelos direitos do homem, que a Igreja não cessa de promover, constitui o autêntico combate pela justiça”.



## Referências

- ALTEMEYER JÚNIOR, Fernando. A Igreja e o aborto. IN: **Reflexão Digital**. <http://www.reflexodigital.com.br>. Acessado em 12/04/2008.
- AQUINO, Felipe. **A teologia da libertação**. 2 ed. Lorena: Cléofas, 2003.
- AQUINO, Felipe. **Aborto? .... Nunca**. 3 ed. Lorena: Cléofas, 2005.
- AQUINO, Felipe. Frei Beto defende a despenalização do aborto. IN: **Blog Canção Nova**. <http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007>. Acessado em 12/03/2008.
- ARAÚJO, Antonio Emílio A. de. Cardeal e o Papa condenam a Teologia da Libertação. IN: **Mídia Sem Máscara**. [www.mdiasemmascara.com.br](http://www.mdiasemmascara.com.br). Acessado em 16/02/2008.
- BETANCURT, Ingrid et all. **Cartas à mãe. Direto do inferno**. São Paulo: Agir, 2008.
- BÍBLIA. Versão Jerusalém. São Paulo: Loyola, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- BOFF, Leonardo. **O que é a teologia da libertação?** Entrevista à Radiobras, 01/12/2003.
- CABRAL, Otávio. Fugindo do terrorismo. IN: **Veja**, 13/02/1008, p. 63-67.
- CARVALHO, Olavo de. Monstros. IN: **Jornal do Brasil**, 28/02/2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2002.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Documentos Pontifícios).
- FREI BETO. Marxismo na teologia. IN: **Jornal do Brasil**, 06/04/1980.
- KIRK, Russel, PAZOS, Luis. Antídotos contra a teologia da libertação. IN: **Mídia Sem Máscara**. [www.mdiasemmascara.com.br](http://www.mdiasemmascara.com.br). 12/04/2006. Acessado em 12/02/2008.
- LÖWY, Michael. **Marxismo e teologia da libertação**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MIRANDA, Gonzalo. El problema pastoral de la aplicación de la *Humanae vitae* en América Latina. IN: **Ecclesia**, México, vol VIII, n 2, abril/junio 1994, p. 151164.
- Aborto: Discursos Filosóficos 76
- PAULO VI, Papa. **Humanae Vitae**. São Paulo: Paulinas, 1992. (Coleção A Voz do Papa).
- PUGGINA, Percival. O aborto e seus sofismas. IN: **Mídia Sem Máscara**. [www.mdiasemmascara.com.br](http://www.mdiasemmascara.com.br). 05/12/2005. Acessado em 10/02/2008.
- RATZINGER, Cardeal Joseph. Eu vos explico a teologia da libertação. IN: **Revista Pergunte e Responderemos**, Ano XXV, n 277, 1984.
- RIFAN, Dom Fernando Áreas. Teologia da libertação. IN: **Folha da Manhã**, Campos, 23/05/2007.
- SEÇÃO DE INFORMAÇÃO DO CENTRO DE INFORMAÇÕES DO EXÉRCITO. **Orvil. As tentativas de tomada do poder**. Brasília: Ministério do Exército, 1985.

## A Igreja Católica e o aborto

No tocante ao aborto e a defesa da vida poucas religiões no mundo têm uma posição ética, filosófica e teológica tão segura como a Igreja Católica. Sobre essa questão a líder feminista Francis Kissling afirma: “A perspectiva católica é um bom lugar para começar [a campanha pró-aborto], tanto em termos filosóficos, sociológicos, como teológicos, porque a posição católica é a mais desenvolvida. Assim, se você puder refutar a posição católica, você refutou todas as demais.

OK. Nenhum dos outros grupos religiosos realmente tem declarações tão bem definidas sobre a personalidade, quando começa a vida, fetos etc. Assim, se você derrubar a posição católica, você ganha” (Fonte: KISSLING, Francis. Interview by Rebecca Sharpless. Audio recording, September 13–14, 2002. *Population and Reproductive Health Oral History Project, Sophia Smith Collection*. Disponível em:

<http://www.smith.edu/libraries/libs/ssc/prh/transcripts/kissling-trans.html>.

Condensado em português disponível em:  
<http://www.pesquisaedocumentos.com.br/Kissling.doc>).

As líderes feministas Frances Kissling e Kate Michelman, em artigo publicado no jornal *Los Angeles Times*, terça-feira, 22 de janeiro de 2008, afirmam que graças à posição ética e filosófica da Igreja Católica o movimento pró-vida tem ganhado força em todo mundo nos últimos 30 anos. Neste artigo, elas chegam a afirmar que o papa João Paulo II deu uma forte contribuição a defesa da vida do feto ao cunhar a expressão “cultura de morte”. Esta expressão designa todas as formas de atentado contra a vida humana, inclusive o aborto.

Apesar de sua sólida posição ética, filosófica e teológica em defesa da vida, a Igreja tem sérias dificuldades em transmitir sua doutrina à população. Vale ressaltar que a doutrina da Igreja é um dos melhores conjuntos de ordenamento que a humanidade possui. Seguir integralmente a doutrina da Igreja é ter certeza de estar fazendo plenamente a vontade de Deus e de estar construindo a sociedade perfeita sonhada por pensadores, políticos, artistas e por todos os demais grupos formados dentro da sociedade.

Não é intenção desse pequeno artigo fazer uma longa exegese das dificuldades da Igreja em transmitir sua doutrina à população. Entretanto, a título de discussão e esclarecimento serão construídos três argumentos explicativos.

O primeiro argumento é a cultura neopagã que reina na sociedade contemporânea.

O homem contemporâneo está constantemente em busca de novidades e de modismos. Este homem vê a fé cristã e a doutrina da Igreja como ultrapassada e superada. Ele procura novas e emocionantes experiências que possam confortar seu crescente vazio existencial.

O segundo é o consciente boicote promovido pela grande mídia. A grande mídia não quer o evangelho, muito menos a proposta renovadora e redentora de Jesus Cristo.

Em grande medida ela é comprometida com o Estado, os grandes oligopólios e todas as formas de modismos e ditaduras. Para a mídia a Igreja e o evangelho apenas atrapalham.

É por esse motivo que ela nunca mostra nenhuma reportagem de cunho religioso, e quando mostra sempre dá ênfase a escândalos morais e questões financeiras. Como a sociedade contemporânea vive em função de desvios morais e constante busca por dinheiro, a mídia procura desesperadamente na Igreja estes fatores.

O terceiro argumento é a formação do clero e dos fiéis leigos. Não é o momento de se discutir o problema da formação dos padres e dos leigos, mas ninguém pode negar que atualmente há sérios problemas em sua formação. Apenas para se ter uma pequena idéia dar-se-á três exemplos. O primeiro foi um simpósio sobre bioética realizado em agosto de 1998 na Associação Médica do estado do Rio Grande do Norte. Neste evento discutiu-se, entre outros assuntos, a origem da vida. Um padre que foi convidado para dá uma pequena palestra quando interrogado sobre o aborto disse que este fato “ainda está sendo discutido”. O segundo foi um congresso sobre cultura religiosa realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em julho de 2006. Após a palestra de um padre um dos presentes ao congresso pediu para que o sacerdote falasse sobre o aborto. A resposta dele foi impressionante. Ele disse: “Não fui formado para discutir essa questão”.

O terceiro e último exemplo foi uma reportagem publicada no site da paróquia Nossa Senhora de Fátima em Teresina-PI, cujo pároco é o Pe. Tony Batista. Nesta reportagem é apresentado de forma simplória e até mesmo delirante o aborto como sendo um problema de direitos humanos. Após várias críticas a reportagem foi retirada do site e o referido pároco afirmou que “não conhecia profundamente a posição da Igreja sobre este tema [o aborto]”. Essa declaração foi endossada pelo bispo da Arquidiocese de Teresina, Dom Celso José. Não há qualquer motivo para duvidar da palavra do sacerdote e do seu respectivo bispo. Entretanto, é preciso refletir: Durante a formação para o sacerdócio, o Pe. Tony Batista não aprendeu a doutrina da Igreja sobre a sacralidade da vida? Ao longo de seu ministério sacerdotal ele não teve tempo de estudar essa doutrina? Ao longo de sua vida ele não teve acesso ou dinheiro para comprar um livro ou um manual que explique como a vida humana é importante? (Fonte: *Blog Sou Conservador* (<http://conservadoredai.blogspot.com>). Acessado em 06/06/2008.).

Um sacerdote ou qualquer outro cristão católico tem por obrigação conhecer a doutrina da Igreja sobre a dignidade e a preservação da vida humana. E, além disso, tem o dever de transmitir essa doutrina a qualquer pessoa. Entretanto, vemos atualmente uma clara dificuldade de realizar essa transmissão.

Obviamente, uma das dificuldades é a penetração dentro da Igreja de modismos teóricos e, por vezes, heréticos como, por exemplo, a teologia da libertação. É preciso que a própria Igreja invista mais na formação dos sacerdotes e dos fiéis leigos. Que um ateu ou uma pessoa sem religião definida não tenha nada a declarar sobre o aborto, isso é normal. Entretanto, um fiel católico não pode simplesmente afirmar “Não fui formado para discutir essa questão”. O fiel católico – seja leigo ou padre – tem por obrigação expor a sólida doutrina da Igreja sobre o valor da vida humana, especialmente da vida mais frágil, ou seja, do feto ainda no ventre da mãe.

O terceiro e último argumento são as constantes tentativas de penetração dentro da Igreja por parte dos grupos pró-aborto. Se estes grupos conseguissem entrar na Igreja e modificar sua doutrina seria uma grande e talvez a maior vitória

do aborto em todo o mundo. Como é público e notório os diversos grupos e movimentos que defendem o aborto gastam anualmente gigantescas somas de dinheiro na tentativa de influenciar as decisões e de modificar a doutrina da Igreja sobre a dignidade da vida humana.

Como afirma o Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz, da diocese de Anápolis em Goiás, mais conhecido como Pe. Lodi, em artigo intitulado *Católicas pelo Direito de Decidir* publicado no site Mídia Sem Mascara (<http://www.midiasemmascara.com.br>), em 13 de janeiro de 2008, a “presença abortista na Igreja está bem mais próxima do que se pensa”. Neste artigo Pe. Lodi dá como exemplo o grupo pró-aborto *Católicas pelo Direito de Decidir* mais conhecidas pela sigla CDD.

Neste artigo o Pe. Lodi afirma que “como a Igreja Católica se opusesse à lei abortista de Nova Iorque, nos EUA, três membros do grupo pró-aborto *NOW* (*National Organization for Women* – Organização Nacional para as Mulheres) fundaram em 1970 a organização *CFFC* (*Catholics For a Free Choice* - *Católicas pelo Direito de Decidir*). Seu primeiro ato público foi o de ridicularizar a Igreja Católica, coroando uma feminista, na escadaria da Catedral de São Patrício em Nova Iorque, com o título de papisa Joana I. A primeira sede das *CFFC* localizou-se em Nova Iorque, nas dependências da *Planned Parenthood Federation of America* (PPFA), a filial estadunidense da IPPF, e atualmente a proprietária da maior cadeia de clínicas de aborto da América do Norte.

Ainda no mesmo artigo o referido padre e pensador continua: “Embora *CFFC* seja uma organização anticatólica, o nome “católica” é estratégico para confundir o público. O objetivo é infiltrar-se nas paróquias, nas dioceses, nas universidades católicas, nos meios de comunicação, nas casas legislativas a fim de dar a entender que é possível, ao mesmo tempo, ser católico e defender o direito ao aborto. Além do aborto, tais “católicas” defendem o uso de anticoncepcionais, o divórcio, as relações sexuais pré-matrimoniais, os atos homossexuais, o matrimônio de pessoas do mesmo sexo e todas as formas de reprodução artificial. Quanto à liturgia, as *CFFC* assumem uma série de rituais e práticas da Nova Era: são devotas do ídolo feminista Sofia (a deusa Sabedoria) e compõem poesias em honra de Lúcifer. O aborto é tratado como um ato sagrado. São recitadas orações a “Deus Pai e Mãe” enquanto a mulher que está abortando é abençoada, abraçada e encorajada a salpicar pétalas de rosas. A ex-freira Diann Neu elaborou uma cerimônia pós-aborto, em que a mulher abre uma cova no jardim e deposita os restos mortais de seu bebê, dizendo: *“Mãe Terra, em teu seio depositamos esse espírito”*.

Neste mesmo artigo o Pe. Lodi denuncia a tentativa do grupo CDD penetrar na Igreja e inclusive na Campanha da Fraternidade de 2008. Segundo o Pe. Lodi: “Na segunda quinzena de dezembro de 2007, as livrarias católicas puseram à venda um DVD produzido pela *Verbo Filmes*, trazendo na capa o cartaz da Campanha da Fraternidade 2008, com o lema *“Escolhe, pois, a vida”*, o tema *“Fraternidade e defesa da vida”* e o logotipo da CNBB [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil]. O que deixou os militantes pró-vida estupefatos foi a

participação da Sra. Dulce Xavier, membro das CDD, no bloco IV do vídeo (“*Em defesa da vida: pontos de vista*”), com uma fala de cinco minutos, criticando a Igreja Católica por não aceitar a anticoncepção, e defendendo a realização do aborto pela rede hospitalar pública para preservar “a vida das mulheres”. A inserção das “católicas” no vídeo tinha sido feita sem a autorização da CNBB, que, quando soube da notícia, exigiu o recolhimento dos DVDs. A *Verbo Filmes* fez então uma outra edição, desta vez sem a fala das CDD”.

É interessante que até o presente momento, ou seja, no domingo, 10 de fevereiro de 2008, ainda não houve um pronunciamento oficial da CNBB sobre as CDDs e nem muito menos a empresa Verbo Filmes, pertencente a Congregação dos Missionários do Verbo Divino, emitiu qualquer nota oficial esclarecendo o problema. O pior é que atualmente as CDDs estão ocupando um andar de um prédio pertencente a uma ordem religiosa católica. Este prédio localiza-se na Rua Sebastião Soares de Faria, nº 56, 6º andar, São Paulo, isto é, no mesmo prédio da sede do Regional Sul 1 da CNBB, que ocupa o 5º andar. O fato tem gerado perplexidade, uma vez que, além de usarem o nome de “católicas”, elas agora compartilham o mesmo edifício usado pelos Bispos. Na verdade, o prédio não pertence à CNBB, mas à Ordem Carmelita (Província de Santo Elias). No referido artigo o Pe. Lodi pergunta perplexo: “Como uma Ordem de frades católicos pode alugar um imóvel para uma organização abortista?”

A pergunta perplexa do Pe. Lodi é realizada por qualquer católico que tenha consciência de sua fé e da doutrina da Igreja. A própria Ordem Carmelita, representada pela Província de Santo Elias, ainda não se manifestou oficialmente sobre o caso. Vale ressaltar que essa ordem religiosa prestou um relevante serviço na história da Igreja no combate as heresias e na expansão da fé. Neste momento, ela deve ter o mesmo comportamento que sempre teve diante das questões morais, ou seja, ficar totalmente do lado da doutrina da Igreja e da dignidade da vida humana.

Sobre o problema da tentativa de penetração de ideologias anticristãs dentro da Igreja o filósofo Olavo de Carvalho em artigo intitulado *Meras coincidências*, publicado no jornal *Diário do comércio* de 31/12/2007, de forma um tanto irônica, afirma: “Quando se divulgou que a organização abortista *Católicas pelo Direito de Decidir* [essa organização usa a palavra “católica” para enganar a população, na prática é uma organização milionária financiada por fundações internacionais como Rockefeller, Ford, MacArthur, Carnegie, Bill & Mellinda Gates e que tem por objetivo implantar uma sociedade neopagã pautada em práticas como, por exemplo, o aborto e o homossexualismo], mas conhecida pela sigla CDD, tinha escritório num edifício de propriedade da Igreja Católica, ao lado das salas ocupadas pela CNBB, logo vieram os beatos de sempre, jurando que era tudo uma inocente coincidência imobiliária. Quando a mesma CDD promoveu uma conferência sobre ‘A Bíblia e o Homossexualismo’ em parceria com a *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, foi também mera coincidência. Mera coincidência, ainda, o fato de que essa universidade católica aprovasse com louvor a tese de Yury Puello Orozco, militante daquela organização, que culpava a

Igreja Católica pela disseminação da Aids. Coincidência, pura coincidência, que a *Casa de Retiro Sagrado Coração de Jesus*, entidade católica de São Paulo, acolhesse em sua sede um seminário sobre *Masculinidade e Religião*, depois outro sobre *Gênero, Religião e Mídia*, por fim mais um sobre *Aids, Sexualidade e Religião*, os três promovidos pela CDD, e pelo menos o último deles anunciado no próprio jornal da Arquidiocese de São Paulo. E que mente maliciosa veria algo mais que coincidência no fato de que a *Escola Dominicana de Teologia*, em São Paulo, promovesse uma comemoração dos cinquenta anos da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* com apoio e patrocínio de quem? Das *Católicas pelo Direito de Decidir*".

Todavia, o problema da tentativa de penetração da ideologia do aborto dentro da Igreja continua. Vejamos outro exemplo dessa tentativa. No número 57 da versão brasileira da *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, mas conhecida pela sigla RIBLA, publicado no segundo semestre do ano de 2007, trouxe uma série de artigos sobre o controle da natalidade e o aborto. A princípio, estes artigos discutem estes problemas a luz da interpretação bíblica.

Entretanto, para supressa dos leitores da RIBLA, justamente a revista de interpretação bíblica da América Latina, há neste número três artigos de militantes da ideologia do aborto. Estes artigos ao invés de realizarem uma exegese bíblica do problema trazem os velhos jargões do movimento pró-aborto.

O primeiro artigo é de Elaine Gleci Neuenfeldt, uma conhecida líder feminista e pró-aborto. O título do artigo é *Errâncias e itinerários da sexualidade dos direitos reprodutivos e do aborto – abordagens bíblico-teológicas*. Nele a autora tenta demonstrar que existe na *Bíblia* algum fundamento pró-aborto. Utilizando-se dos conhecidos jargões do movimento pró-aborto, a autora tenta encontrar na *Bíblia* alguma referência abortista. Entretanto, mesmo sem desejar, ela termina concluindo que “[...] a *Bíblia* não possui fundamentos, mesmo que indiretos, que possam fundamentar a interrupção da gravidez [a prática do aborto]” (p. 68).

O segundo artigo é de Carmiña Navia Velasco, cujo título é *Um abraço soroal na mulher que aborta*. A autora já inicia o artigo afirmando que “não segue a posição oficial da Igreja Católica” (p. 69). Ela propõe um verdadeiro absurdo, ou seja, que além de incentivar o aborto a Igreja deve ser uma espécie de casa de descanso para a mulher que praticou o aborto. A mulher aborta e depois vai descansar, tirar férias, numa casa de retiros da Igreja.

O terceiro e último artigo é de Marcella Maria Althus-Reid, cujo título é *“Living la vida loca” – Reflexões sobre os amores ilegais de Deus e a defesa da vida*. Este artigo é assumidamente escrito numa perspectiva neopagã. A autora propõe basicamente duas coisas:

1) Nas comunidades onde a fé cristã ainda é viva e, por conseguinte, há uma forte leitura da *Bíblia* e da doutrina da Igreja, deve-se utilizar a própria *Bíblia*, mesmo não crendo em sua mensagem, como instrumento ideológico. Este uso

ideológico da *Bíblia* por parte dos não-crentes deve ter como meta, entre outras coisas, construir uma imagem positiva do aborto e dos seus defensores.

2) Apresentar de forma amena o deus da sociedade neopagã. Por essa perspectiva, o nascimento de Jesus Cristo seria um aborto que Deus-pai teria realizado. Essa interpretação neopagã da narrativa bíblica encontra-se alicerçada no livro *Amantíssima e só – Evangelho de Maria e outros* a Sra. Nancy Cardoso Pereira. Neste livro, Nancy Cardoso Pereira apresenta um deus erótico, irresponsável, descuidado, cuja mensagem não é compatível com a mensagem de Jesus Cristo, contida nos evangelhos, e muito menos com a doutrina da Igreja.

É preciso ressaltar que a versão brasileira da *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (RIBLA) é editada no Brasil pela editora Vozes. Uma conhecida editora que nas décadas de 1970 e 1980 ficou famosa por ser a editora oficial da herética teologia da libertação. Os organizadores do número 57 da RIBLA, onde foram publicados os artigos acima citados, afirmam que estão em “busca do diálogo”. O diálogo foi uma forte marca do ministério de Cristo e, por conseguinte, do seu corpo místico que é a Igreja.

Todavia, é preciso esclarecer que a Igreja sempre procurou dialogar com as ideologias do mundo, inclusive com o aborto e seus defensores. Apesar disso, ela não pode abrir mão de sua doutrina, revelada pelo próprio Deus, muito menos de sua missão educadora.

Além disso, é necessário lembrar que nenhum militante pró-aborto ou qualquer publicação (revista, jornal, livro, encarte e outros) dessa ideologia nunca pediram a opinião de qualquer especialista ou autoridade reconhecida pela Igreja. O movimento pró-aborto sempre viu a Igreja como um inimigo a ser duramente combatido. Uma das frases mais repetidas pelos militantes pró-aborto é “fora Igreja”.

Ao invés de chamar reconhecidos militantes da ideologia do aborto para escreverem artigos, contendo os velhos e castos jargões pró-aborto, a RIBLA ou qualquer outra publicação cristã deve, antes de mais nada, educar e conscientizar a população. A missão da Igreja é ser canal de vida e não perder tempo dando espaço para o discurso e as práticas neopagãs.

Por fim, é preciso afirmar que a Igreja não mudou e nem mudará sua doutrina sobre a dignidade da vida humana, logo estará sempre defendendo a vida, principalmente a vida mais frágil, isto é, a vida do feto ainda no ventre da mãe.

Entretanto, é preciso que a própria Igreja esteja sempre atenta às tentativas realizada por grupos pró-aborto de modificarem sua doutrina e influenciarem sua prática pastoral. E uma das formas disso acontecer é ela melhorar a formação dos sacerdotes e dos fiéis leigos. Um católico, seja padre ou leigo, deve ter em seu coração e em sua mente a doutrina pró-vida ensinada por Jesus Cristo e depositada em seu corpo místico que é a Igreja. Só assim os cristãos e a Igreja cumpriram o mandato de Cristo, ou seja, de se “amarem uns aos outros”. Defender

a vida e a integridade do feto é uma das maiores provas de amor a Cristo e fidelidade à Igreja que um cristão pode dá.

## **Declaração de Aparecida em defesa da vida**

"Maria, a Vós confiamos a Causa da Vida" (João Paulo II, *Evangelium Vitae*, n 105).

1. Nós, reunidos no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (Aparecida / Brasil), de 06 a 10 de fevereiro de 2008, representantes brasileiros, do continente americano e europeu, no I Congresso Internacional em Defesa da Vida, promovido pela Comissão Diocesana em Defesa da Vida, da Diocese de Taubaté, com o apoio do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Arquidioceses de Aparecida e de Brasília, Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família, Federação Paulista dos Movimentos em Defesa da Vida, Associação Nacional Mulheres pela Vida, Frente Parlamentar Contra a Legalização do Aborto, Human Life International, Alianza Latinoamericana para la Familia, Voglio Vivere, Family Center, Agência ZENIT e outras entidades representativas da sociedade civil, bem como membros do Congresso Nacional brasileiro, de Assembléias Legislativas e de Câmaras Municipais, e de pastorais diversas, procuramos fazer deste encontro uma resposta imediata ao que propõe a Campanha da Fraternidade de 2008, no Brasil, com o tema: "Fraternidade e Defesa da Vida", e o lema: "Escolhe, pois, a Vida".

2. Realizamos um intenso e aprofundado intercâmbio cultural e de experiências no que tange ao respeito à vida e à dignidade da pessoa humana. Estiveram presentes especialistas das mais diversas ciências e renomadas personalidades da área da bioética, com expressivas lideranças nacionais e internacionais, unidos no esforço de ampliar a conscientização das inúmeras ameaças e ataques sem precedentes contra a família e a dignidade da pessoa humana, que contrariam a lei natural e a garantia do primeiro de todos os direitos humanos, que é o direito à vida.

3. Colocamo-nos também como um dos primeiros frutos da V Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe, celebrada neste mesmo local, em maio passado, em que o Santo Padre, o Papa Bento XVI, destacou a necessidade dos povos garantirem "o direito a uma vida plena, própria dos filhos de Deus, com condições mais humanas", para desenvolver "em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural" (cf. Discurso Inaugural da Conferência). É necessário, por conseguinte, defender a vida em todas as suas fases, desde a concepção até a morte natural, reconhecer e promover a estrutura natural da família, como união entre um homem e uma mulher através do matrimônio, e tutelar o direito dos pais a educar os próprios filhos, tudo isto como consequência de princípios inscritos na natureza humana e comuns a toda a humanidade.



4. Pois, de fato, a legislação não pode basear-se somente no consenso político, mas também sobre a moral que se fundamenta em uma ordem natural objetiva. A economia deve destinar-se ao ser humano como portador de intrínseca dignidade. Não pode haver economia sem população e não pode haver população sem filhos. A sexualidade, ademais, compartilha dos direitos e da dignidade do ser humano e destina-se à construção de uma família como ao seu fim natural.

5. Diante disso, e depois de havermos estudado e refletido sobre estes princípios, sobre suas conseqüências e sobre fatos fartamente documentados da história recente,

DESTACAMOS que:

5.1. O aborto, químico ou cirúrgico, tem sido utilizado pelos países desenvolvidos como a principal ferramenta para sustentar uma política global de controle populacional.

Desde 1952, com a criação do Conselho Populacional, à qual se somaram mais tarde Fundações como Rockefeller, Ford, Gates e outras, está sendo implantado internacionalmente um programa populacional destinado ao controle demográfico do planeta. O projeto inclui a disseminação de uma mentalidade anti-natalista, compreendendo a implantação de anticonceptivos, o aborto legal e outros ataques contra a vida, dentro de uma perspectiva geopolítica e eugênica que decidiu priorizar o combate à pobreza impedindo os pobres de ter descendência em vez de investir no desenvolvimento econômico. Dentro desta nova perspectiva, a anticoncepção, o aborto e também a eutanásia tornaram-se parte de uma política demográfica, integrada a uma política mais ampla de globalização, que busca a implantação do monopólio econômico.

5.2. Desde os anos 1980, por consenso estratégico, elaborado pelas grandes Fundações que promovem o aborto, as políticas de controle populacional têm sido apresentadas propositadamente camufladas sob a aparência de uma falsa emancipação da mulher e da defesa de pretensos direitos sexuais e reprodutivos, difundidos através da criação e do financiamento de uma rede internacional de ONGs que promovem o feminismo, a educação sexual liberal e o homossexualismo.

5.3. A Organização das Nações Unidas (ONU), desde a década de 1980, comprometeu-se com as políticas de controle populacional, que constituem, atualmente, um dos grandes pólos de suas ações. Através de suas agências, a ONU tem fomentado a criação de uma jurisprudência crescente no direito internacional pela qual está-se perigosamente preparando o aborto para ser reconhecido como direito humano. Através de suas agências, ainda, a ONU tem sido um dos principais organismos internacionais promotores da legalização do aborto nos países da América Latina.

5.4. Os organismos internacionais de crédito, como o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, entre outros, outorgam créditos para o desenvolvimento de nossas nações condicionando-os a metas políticas de controle populacional.

5.5. A União Européia e o Japão estão implicados na difusão internacional do aborto e do controle populacional, destinando para isso importantes somas de dinheiro e sua influência política.

5.6. A IPPF (Federação Internacional de Paternidade Planificada), que constitui a segunda ONG mais poderosa do mundo, depois da Cruz Vermelha Internacional, com suas filiais locais (no Brasil, a BENFAM), e seus organismos satélites, como o GPI (Grupo Parlamentar Interamericano de População e Desenvolvimento) e o IPAS, principal provedor de máquinas de sucção para abortos precoces e de cursos de capacitação em práticas de abortos para médicos, têm como objetivo a implantação, nos países em desenvolvimento, da contracepção, esterilização, aborto e treinamento de profissionais da área da Saúde para a aceitação dessas práticas.

5.7. Parlamentares, profissionais da área da Saúde, universitários, meios de comunicação social, a classe jurídica, têm sido pressionados e influenciados pelo romotores desta cultura de morte.

5.8. Os governos, seja por omissão ou por cumplicidade, em sua maior parte têm cedido a estas pressões implantando programas ou políticas populacionais, ou mesmo, como no caso do Brasil, propondo a total e completa descriminalização do aborto, com o que a prática se tornaria legal durante todos os nove meses da gestação.

#### POR TUDO ISSO:

1. Denunciamos a implantação de uma cultura de morte que nos leva à perda do sentido da vida, dos valores éticos e direitos naturais, dos quais deriva todo o direito positivo.

2. Denunciamos a tentativa de descriminalizar e legalizar o aborto na América Latina.

3. Denunciamos a fraude no campo científico, a manipulação da linguagem e as autorizações estatais que permitem em nossos países a fabricação e a distribuição de fármacos aptos para matar seres humanos, desde suas primeiras horas de vida, como ocorre com a "pílula do dia seguinte".

4. Denunciamos os programas estatais para liberar o aborto por via indireta, como as Normas Técnicas do Ministério da Saúde, que "autorizam" o aborto por mera declaração da interessada.

5. Denunciamos a implantação de uma educação sexual escolar hedonista, propositalmente dissociada da idéia do matrimônio e da construção da família como seu fim natural e, em vez disso, centralizada na genitalidade, na ideologia de gênero e que promove o homossexualismo entre crianças e jovens..

6. Denunciamos as tentativas de implantar a eutanásia no País, por meio de resoluções de conselhos profissionais.

#### E finalmente PROPOMOS:

1. Manter observadores permanentes dentro do Congresso Nacional brasileiro e outras Casas de Lei, de modo a um acompanhamento eficaz das propostas relativas aos autênticos direitos humanos, à vida e à família.

2. Patrocinar ações legais para que cessem as violações aos direitos humanos aqui denunciadas, sem exceção alguma.

3. Promover o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, seu entendimento e a

    fidelidade na sua vivência, dentro da perspectiva do Evangelho da Vida.

4. Promover uma opção decisiva pela vida humana e por sua plena dignidade, implementando-a por meio das diversas pastorais, movimentos e outras iniciativas.

5. Exigir o cumprimento da ação efetiva da defesa da vida, por todas as instituições, organismos e níveis de poder competentes, o respeito integral à vida e dignidade humana, assinalando como primeiro, o requerimento à Organização das Nações Unidas pela decretação da moratória sobre a pena de morte no mundo, especificamente dos não nascidos, dos idosos e inválidos.

Que esta Declaração seja um solene compromisso com a cultura da vida, para que todos tenham vida e a tenham em abundância.

Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida,

09 de fevereiro de 2008